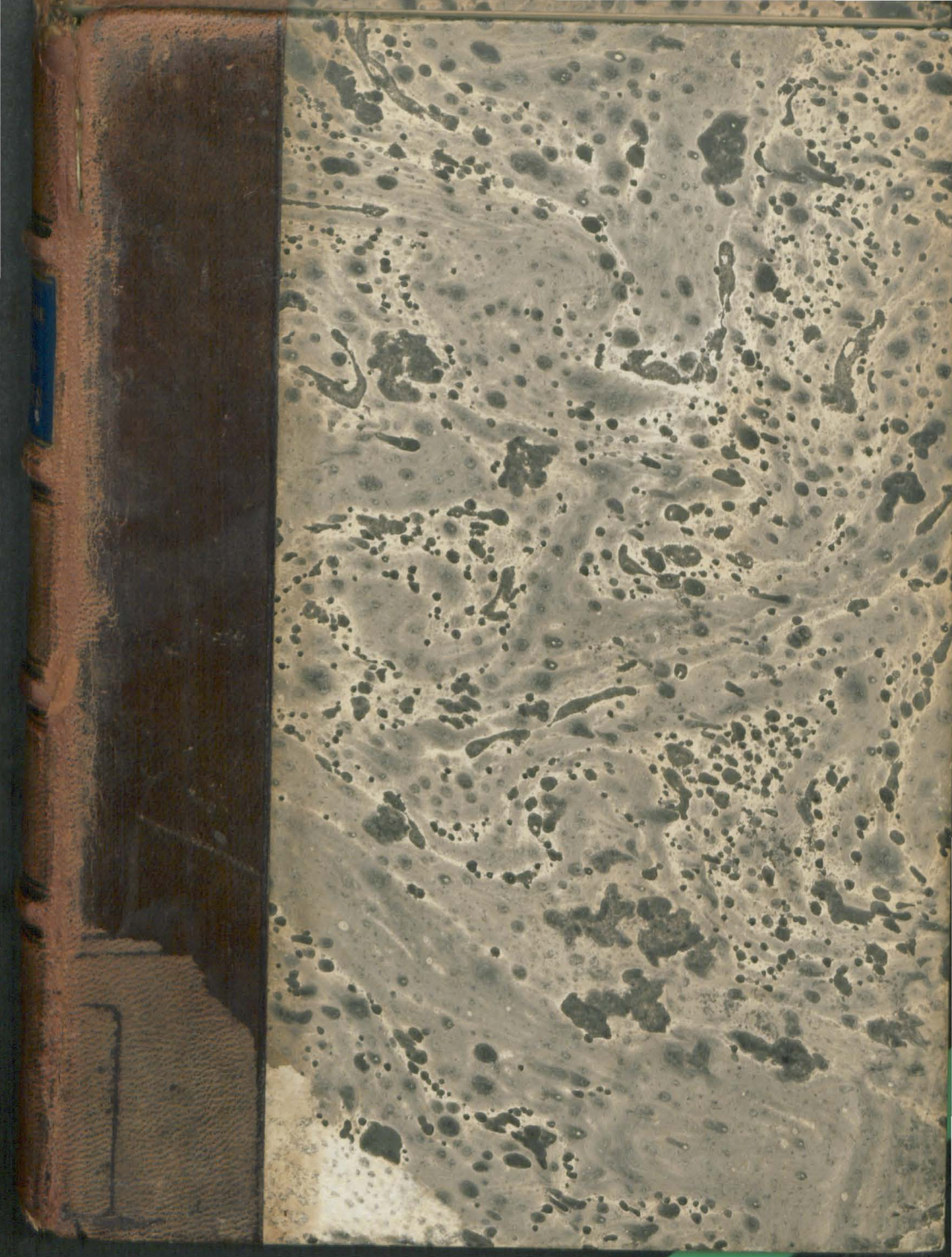
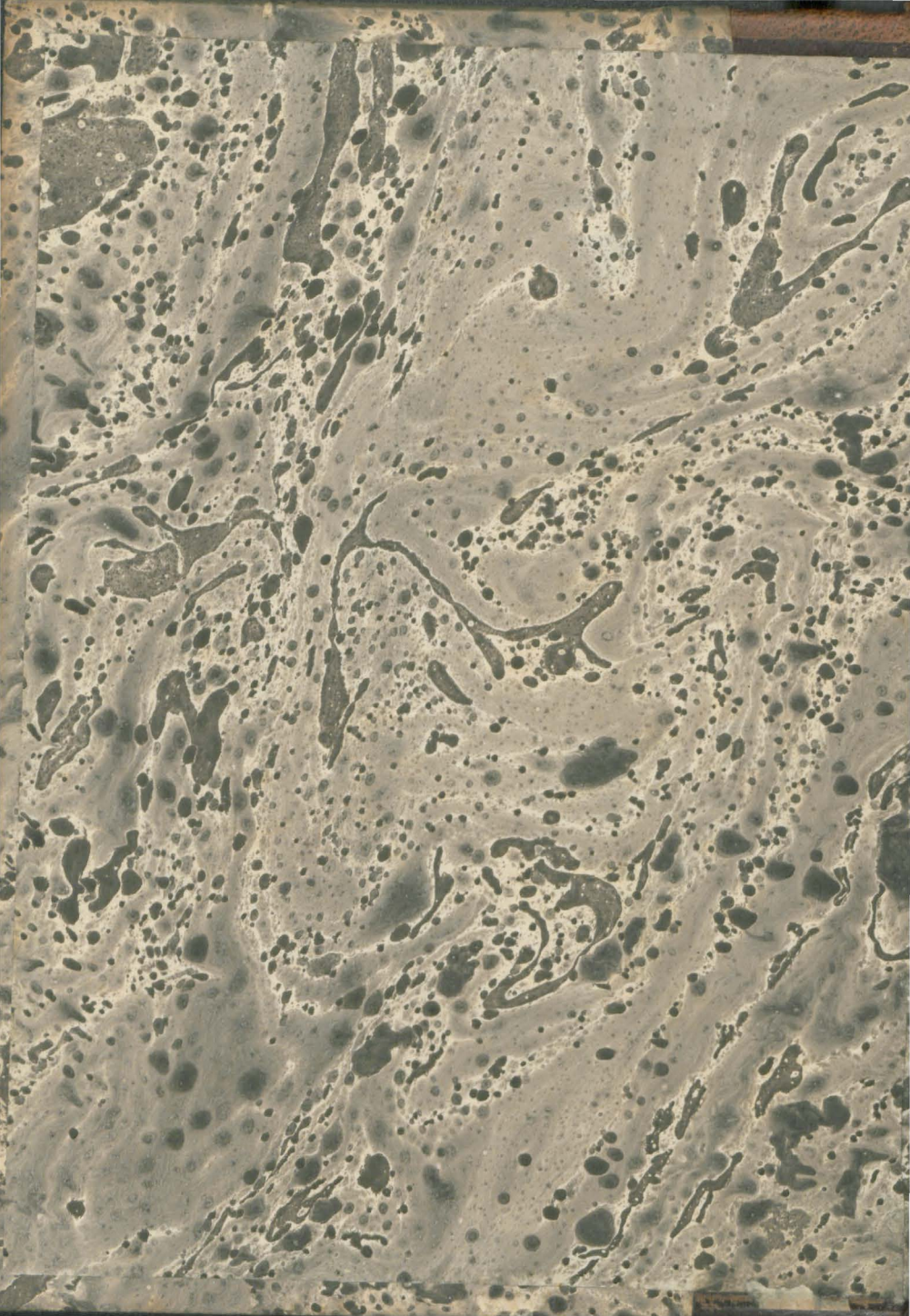
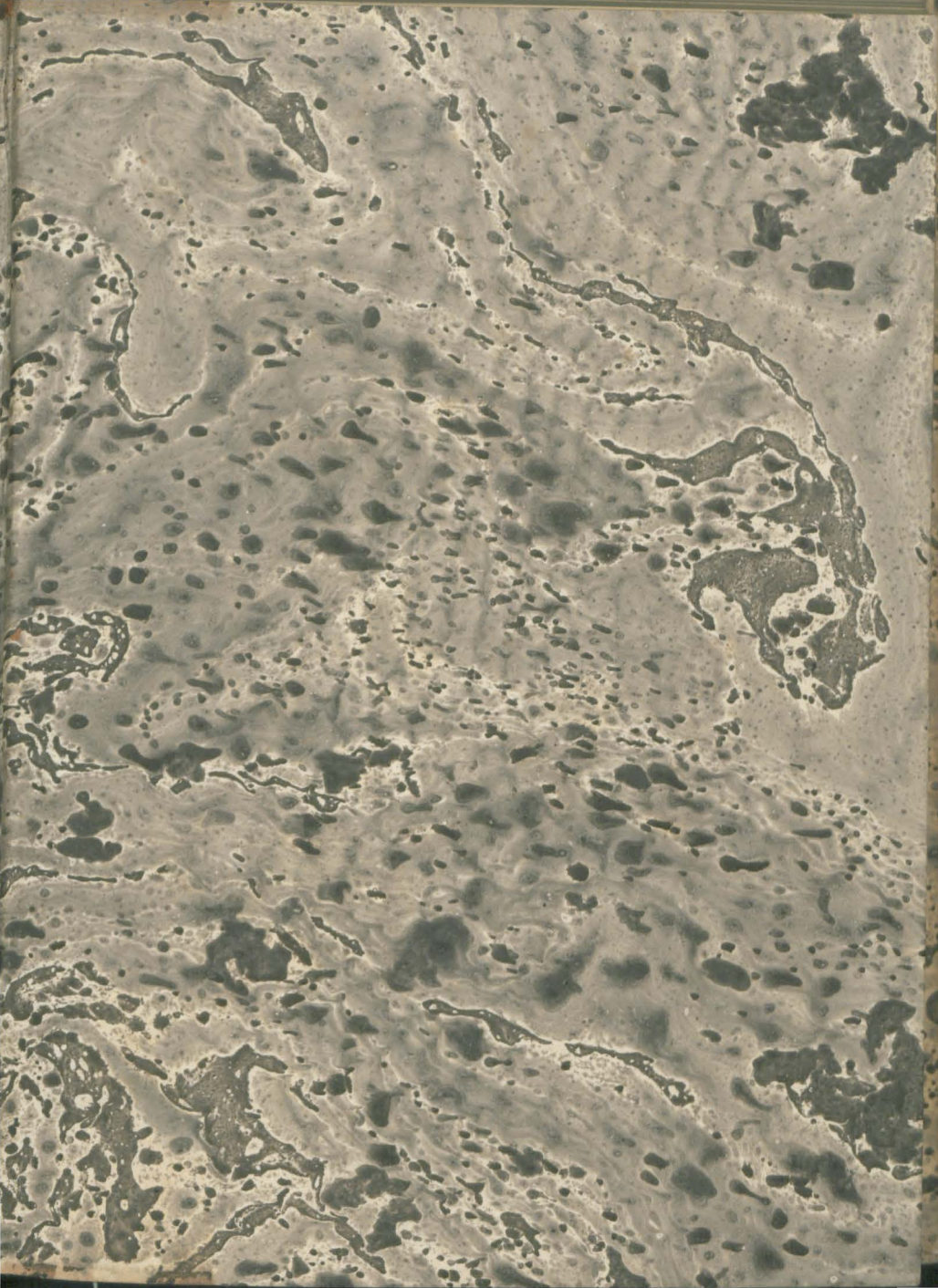
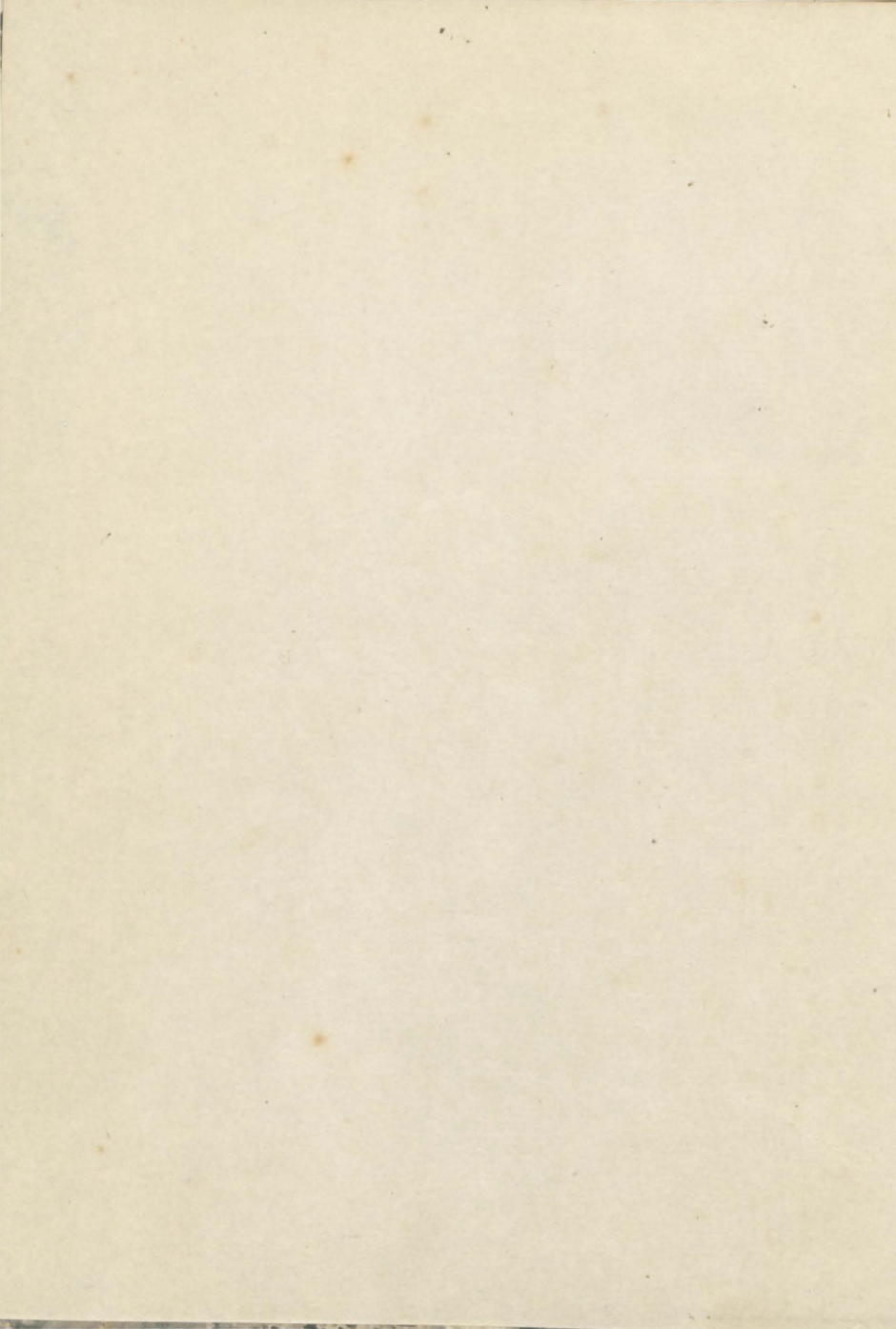
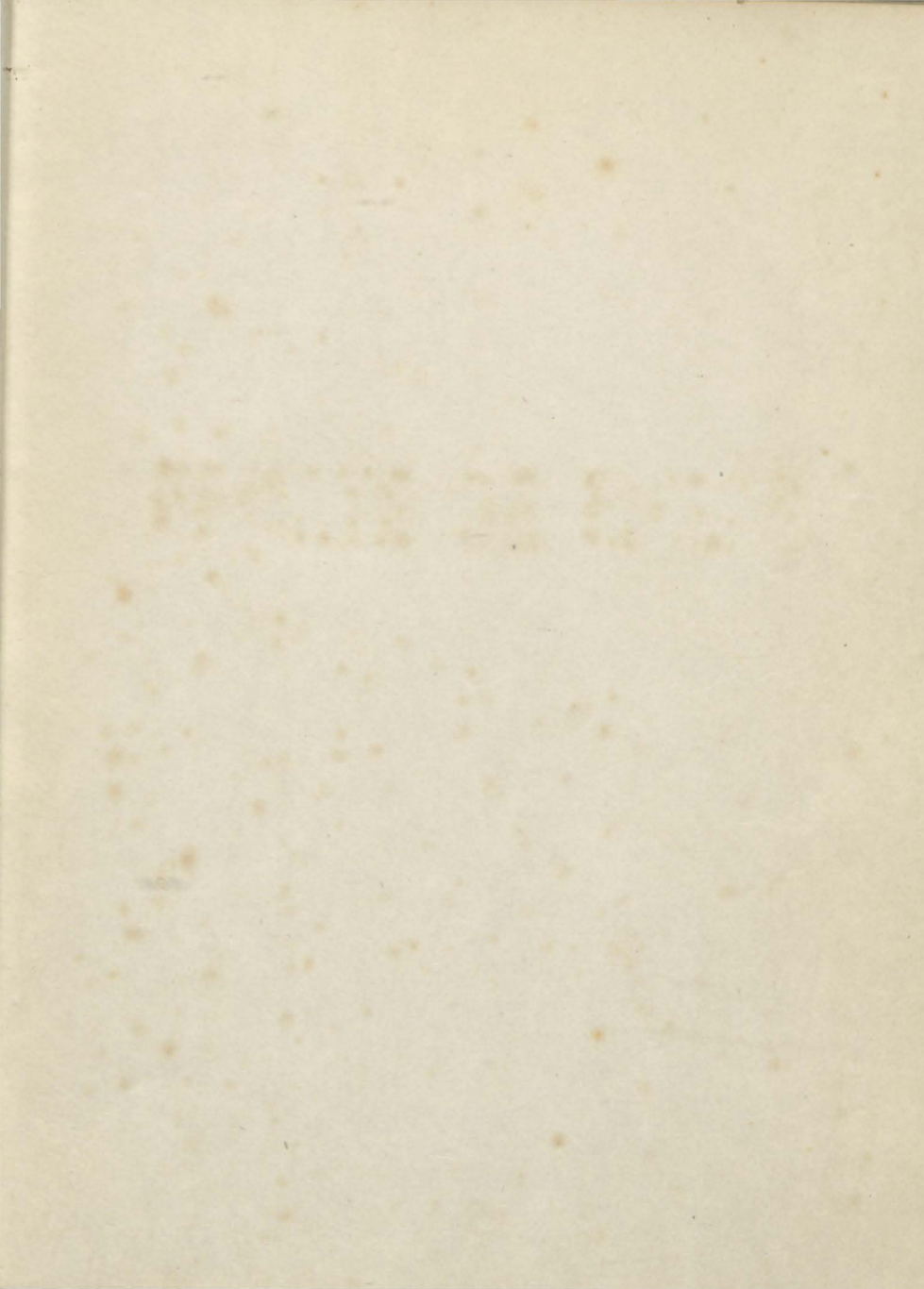












B269.15

Am 24r

BC 143418

Mario de Andrade

REMATE DE MALES

POESIA

S. PAULO

1930

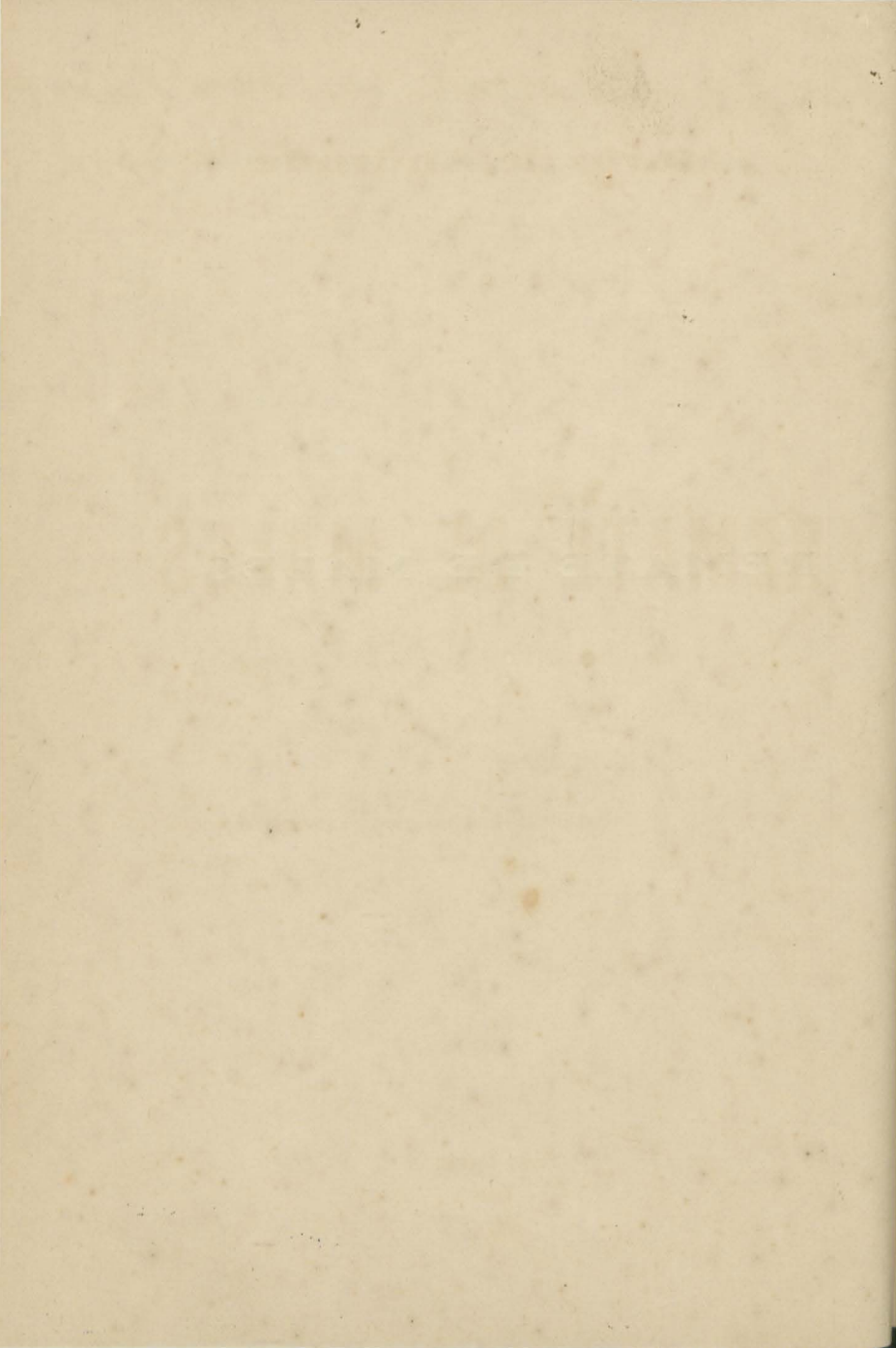
UNIDADE BC-SBH
N.º CHAMADA:
8869.15
Ano 24r
V. Ex.
TOMBO BC/ 143418
PROC.
C ☒ D ☐
PRIMO
DATA
N.º CPD 000007383

Bib Id-293687

do
Sergio Buargue de Hollano
com um abraço
do

Y. de J. de
J. Paulo,

REMADE DE MALES



Mario de Andrade

REMATE DE MALES

"Quid, homo, ineptam sequeris laetitiam."

(sec. XI)

São Paulo

1930

Coleção
SÉRGIO B. HOLANDA
Biblioteca Central
UNICAMP

DO AUTOR :

- Ha uma Gota de Sangue em cada Poema — 1927 — (poesia).
Paulicea Desvairada — 1922 — (poesia).
A Escrava que não é Isaura — 1925 — (poetica).
Losango Cáqui — 1926 — (lirismo).
Primeiro Andar — 1926 — (contos).
Amar, Verbo Intransitivo — 1927 — (idílio).
Clan do Jaboti — 1927 — (poesia).
Macunaíma — 1928 — (rapsodia).
Ensaio sobre Música Brasileira — 1928 — (estetica e fol-
clore).
Compêndio de História da Música — 1929.
Modinhas Imperiais — 1930 — (antologia, com prefácio e
notas)
Remate de Males — 1930 — (poesia).

EM PREPARO :

- Belazarte — (contos).
A Música dos Brasis.
Café — (romance).
Na Pancada do Ganzá — (folclore nordestino).
João Bobo — (romance).
Dicionario Musical Brasileiro.

Eu sou trezentos...

(7 - VI - 1929)

Eu sou trezentos, sou trezentos - e - cinquenta,
As sensações renascem de si mesmas sem repouso,
Ôh espelhos, ôh Pireneus! ôh caixaras!
Si um deus morrer, irei no Piauí buscar outro!

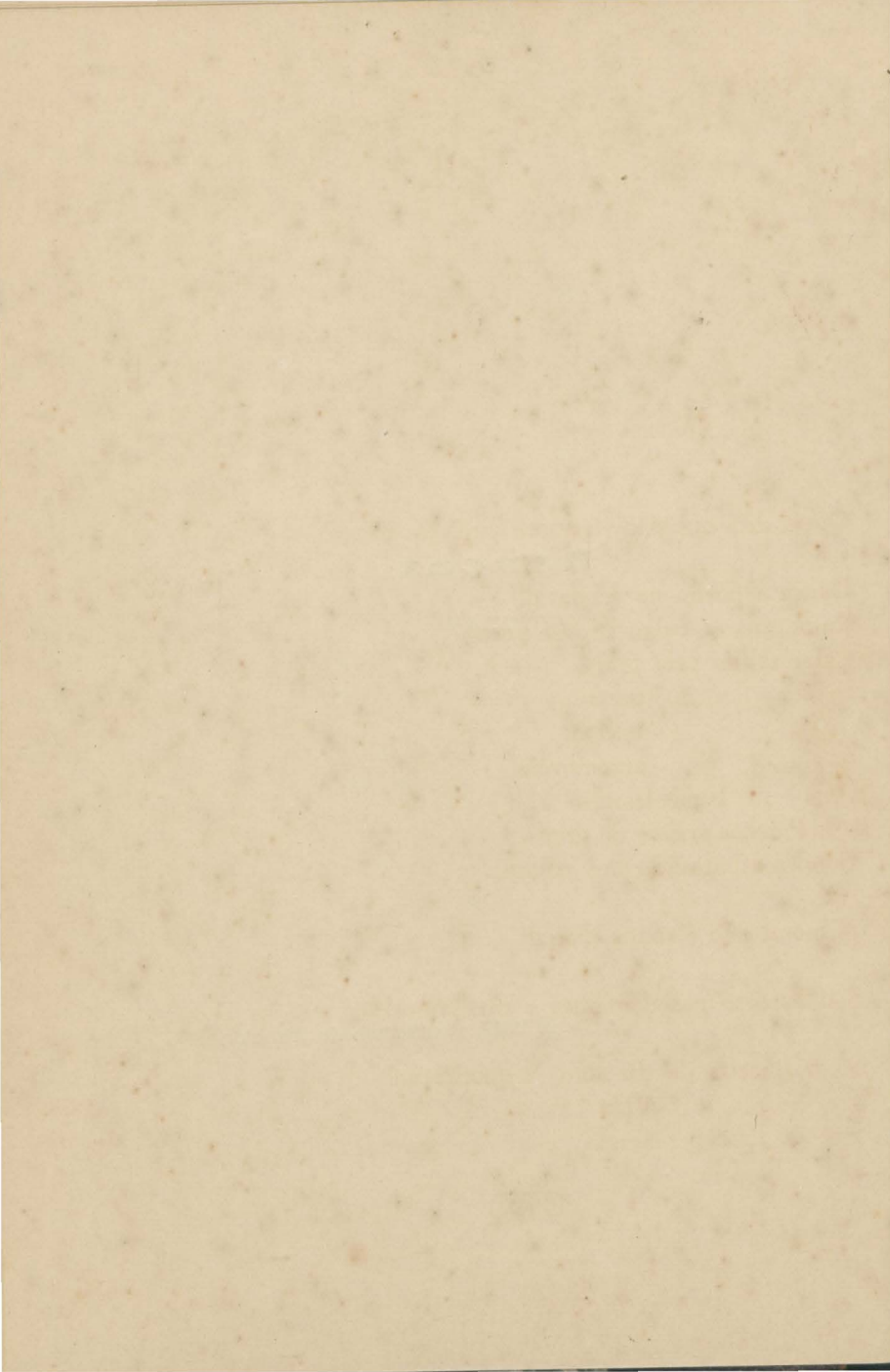
Abraço no meu leito as milhores palavras,
E os suspiros que dou são violinos alheios;
Eu piso a terra como quem descobre a furto
Nas esquinas, nos taxís, nas camarinhas seus proprios beijos!

Eu sou trezen s, sou trezentos - e - cinquenta,
Mas um dia aíl eu toparei comigo...
Tenhamos paciencia, andorinhas curtas,
Só o esquecimento é que condensa,
E então minha alma servirá de abrigo.

Danças

(1924)

A Dona Baby Guilherme de Almeida



I

Quem dirá que não vivo satisfeito! Eu danço!

Dança a poeira no vendaval.
Raios solares balançam na poeira.
Calor saltita pela praça
 pressa
 apertos
 automoveis
 bamboleios
Pinchos ariscos de gritos
Bondes sapateando nos trilhos...

A moral não é roupa diaria!

Sou bom só nos domingos e dias-santos!

Só nas meias do dia-santo é quotidiano!
 Vida
 arame

crimes
quidam
cama e pança!
Viva a dança!
Dança viva!
Vivedouro de alegria!
Eu danço!
Mãos e pés, músculos, cerebro...
Muito de industria me fiz careca,
Dei um salão aos meus pensamentos!
Tudo gira,
Tudo vira,
Tudo salta,
Samba,
Valsa,
Canta,
Ri!

Quem foi que disse que não vivo satisfeito?
EU DANÇO!

II

Meu cigarro está aceso.
O fumo esguicha,
O fumo sobe,
O fumo sabe ao bem e ao mal...
O bem e o mal, que coisas sérias!
Riqueza é bem.

Tristeza é mal.

Desastres

sangue

tiros

doença

Dança!...

O elevador subiu aos céus, ao nono andar,

O elevador desce ao subsolo,

Termometro das ambições.

O assucar sobe.

O café sobe.

Os fazendeiros vêm do lar.

Eu danço!

Tudo é subir.

Tudo é descer.

Tudo é dançar!

O Esplanada grugrulha.

Todos os homens vão no cinema.

Lindas mulheres nos camarotes.

Leves mulheres a passar...

Não frequento cafés-concertos,

Mas tenho as minhas aventuras...

Desventurados os coiós!

A vida é farta.

O mundo é grande.

Tem muito canto onde esconder!

Suburbios
casas
pensões
taxis...

Vejo sonambulos ao luar
Beijando moças estioladas.
Tolos! a poeira sobe no ar...
O fumo sobe e morre no ar...
Eu vivo no ar!
Dançarinar!...

III

Filha, tu sabes... que hei-de fazer!
Nós todos somos assim.
Eu sou assim.
Tu és assim.
Dançam os pronomes pessoais.

Nunca em minuets! Nunca em furlanas!
EU

ELE

TU

NÓS

ELES

VÓS...

Não paro.

Não paras.

Sucedem quadrilhas...

Gatunos!

Assassinos!

Ciganos!

Judeus!

Quebras formidaveis!

Riquezas fetos de cinco meses

Já velhas como Matusalem.

Baixistas calvos, rotundos, glabros,

Trusts de cana, trusts de arroz,

Açambarcadores de feijão-virado...

A Bolsa revira.

Reviram-se as bolsas.

As letras entram.

Os oiros saem...

Corrida

tombos

vitórias

delirios

banquetes

orquestras...

Os homens dançam...

Danço tambem.

Nunca minuets nem bacanaís!

Somos farandulas?

Somos lanceiros?

Somos quadrilhas?

Que somos nós!?
Pronomes pessoais.

IV

14 horas.
Filha, tu vais dormir.

Eu te contemplo aborrecido.
Que fazes estreita na cama tão larga?
Porquê te encolhes assim?

Teus cabelos suados se espedaçam.
Tuas mãos aziagas tamborilam.
Teu corpo estreito treme vibra...

—Poeta, me deixe dormir!

Eu te contemplo aborrecido...

Devo esconder-te o meu sorriso?...
Já sei porquê o sono não chega,
Filha, comesas a dançar...

Teu corpo todo se enrodilha
estremece
sacode
bate
lata

sêco
...heque! heque!...
quebra
queima
reina
dança

sangue
gosma...

Teus lábios dançam:

—Por piedade!

Não é domingo nem dia-santo!

Filha, tu danças para dormir!

Tosses até que não podes mais!

Devo esconder-te o meu sorriso?...

V

Aquele quarto me sufoca,

Prefiro ar livre,

Não voltarei.

Ar livre, ar leve que dança, dança!

Dançam as rosas nos rosais!

São flores vermelhas

São botões perfeitos

São rosas abertas, gritos de prazer!

São Paulo é um rosal!

São Paulo é um jardim!

Morena, tem pena,
Tem pena de mim!

A rosa-riso dança nos teus lábios
vermelhos
mordidos...

Volupias alegres...
O mundo não vê?

Nós nos separamos.
Nós nos juntamos.
O bonde passou,
O amigo passou...
O mundo não vê!

A vida é tão curta!
Quem tem certeza do amanhã!
Lourenço de Medicis?...
Florença delira,
Paris queima,
Viena dança,
Berlim ri...
E New York abençoa o jazz universal.
Negros de cartola
Turcos de casaca
Montecarlo e Caldas e Copacabana
Tudo é um caxambú!
EU DANÇO!

Dança do amor sem sentimento?
Dança das rosas nos rosais!...

VI

Parceiro, tu sabes a dança do ventre
Mas eu vou te ensinar dança melhor.
Olha: a Terra é uma bola.

A bola gira.

Gira o universo.

Os homens giram também.

Tudo é girar, tudo é rodar.

Sofres acaso de amor sem volta?

Porquê paraste no teu amor!

Choras que os outros não te compreendem?

Fala francês que te entenderão!

Morres, duvidas, pensas?... —Parceiro,

Tu só conheces a dança do ventre,

A dança do ombro é muito melhor!

VII

"Ôh, como passas!"

"Bravo! enfim voltas!"

São inimigos,
São morfinómanos,

Virgens e honestos,
Crapulas vis.

Saúdo a todos,
Ninguém me estima,
Dançam meus ombros,
Eu sou feliz!

Eu sou feliz porquê a Terra é uma bola.
A bola gira,
Gira o universo,
Giro também.

Sou Gira.
Sou Louco.
Sou Oco.

Sou homem!...
Sou tudo o que vocês quiserem,
Mas que sou eu?

Meu alfaiate tem mais fregueses.
Não ha canalha sem virtude.
Não ha virtuosos sem desonra.
Entro nos teatros lendo jornais.
Converso pouco e escuto muito.
Falo francês...

Leio em vernaculo Tristram Shandy.
Conheço Freud e Dostoievsky.
Compro as revistas do Brasil.

E
Principalmente
Sei enramar meu ditirambo,
Sei guspir um madrigal!

Depois dou de ombros.
Meus ombros dançam...

Sou partidario da desombra universal!

VIII

Ha terras incultas alem muito longe...
Ha bichos terriveis nas terras incultas...
Ha passaros lindos nos jequitibás...
O dia ora é claro, ora é escuro...
Zumbidos de abelhas fabricando mel...
Ora os bichos urram,
Ora as aves cantam,
Ora é a flor que abrolha,
Ora a árvore cai...
O céu se escurece. E' a tormenta...

Dançam coriscos no céu.

Relampagos
trovões

um sãmba hediondo,
um cadomblê...

As caiporas galopam nas ancas das antas...
Aranhas formigas sacís e Jací...

O rio da Dúvida passa a dançar...
A vitoria-regia oscila balouçante nas aguas indecisas...

Ha terras incultas alem...

Mas quem que as visitou?

Ninguem.

A confusão é enorme!...

Filha, tu sabes...que hei-de fazer!

Tudo é quadrilha!

Me ponho a dançar!

IX

EU DANÇO!

Eu danço manso, muito manso,

Não canso e danço,

Danço e venço,

Manipanço...

Só não penso...

Quando nasci eu não pensava e era feliz...

Quando nasci eu já dançava,

Dançava a dança da criança,

Surupango da vingança...

Dança do berço:

Sim e Não...

Dança do berço:

Não e Sim...

A vida é assim...

E eu sou assim.

...ela dançava porquê tossia...

Outros dançam de soluçar...

Eu danço manso a dança do ombro...

Eu danço...Não sei mais chorar!...



Tempo da Maria

(1 9 2 6)

A Dona Eugenia Alvaro Moreyra

I

Moda do Corajoso

Maria dos meus pecados,
Maria, viola de amor...

Já sei que não tem proposito
Gostar de donas casadas,
Mas quem que pode com o peito!
Amar não é desrespeito,
Meu amor terá seu fim.
Maria ha-de ter um fim.

Quem sofre sou eu, que importa
Pros outros meu sofrimento?
Já estou curando a ferida.
Se dando tempo pro tempo
Toda paixão é esquecida.
Maria será esquecida.

Que bonita que ela é!... Não
Me esqueço dela um momento!
Porém não dou cinco meses,
Acabarão as fraquezas
E a paixão será arquivada.
Maria será arquivada.

Por enquanto isso é impossível.
O meu corpo encasquetou
De não gostar sinão duma...
Pois, pra não fazer feiura,
Meu espirito sublima
O fogo devorador.
Faz da paixão uma prima,
Faz do desejo um bordão,
E encabulado ponteia
A malvadeza do amor.

Maria, viola de amor!...

II

Amar sem ser amado, ora pinhões!

Esperemos neste lugar.
Não sou nenhum conde do papa,
Só mesmo de Antão serei conde...
Sou poeta da viação barata,
Mario, pague os duzentos réis...
Siga, chofêr. Espero o bonde.

Cachorro. Trilhos nobres. Moças.
Moças, não. Mulheres perdidas
No oiro, distinga-se, sinão
Perde o sal a comparação
Com que saudei essas amigas:
—Grandes auroras promissoras!

Tenho geito pra gigolô...
E, por falar de aurora, enfim
Me dá São Paulo uma tardinha
De que o poeta Gonçalves Dias
Si tivesse alguma saudade,
Tinha razão. Que nem rubi

De puro oriente, no ocidente
O Solão despenca do marmore
Dum céu elegante, na estica.
Esta folha no meu chapéu...
Em mim, talqual num tronco de árvore,
Trepa um ventinho piricica.

Me perdi pelas sensações.
Não sou eu, sou eus em farrancho,
E vem lavar minha retina,
Em maretas de poeira fina
Todas as coisas tamisando,
O Tamisa das ilusões.

Me dissolvo por essas aguas!
E na vista submarina,
Renovo o milagre cristão
Com a minha multiplicação:
Sou a festança desta vida!
Peixes! Torpedos...bondes...casas...

Cavam a terra no jardim.
E' no meu peito. Como um olio,
Me esparramo pela cidade,
E as coisas, nessa intimidade,
São um diluvio de olhos, olhos
Meus, assuntados sobre mim.

Tudo se funde em minha vista.
Estou alegre. Coisa estranha,

Não sinto o bem, sorrio ao mal...
Será a inconsciencia transcendental
Que enche a boca de Graça Aranha?
Todo Infinito! ôh farra! ôh Lapa!

Não sei não. Porém, ver um Zeus,
Conhecem? Zeus de casimira,
Meio suado, vou no universo
Buscando o meu fogo disperso
Que pelas coisas girogira,
Roubado pelos Prometeus.

Âs sacudidelas do bonde,
Na minha frente rosea chama
Crepita, ôh pescoço! Um ardor
Principiante, consolador,
Zeus (Zeus sou eu) gemendo chama:
—Fogo, onde estás, aonde? aonde?

E' isso! Rapazes, encontrei
O fogaréu maravilhoso
Que foi, que é meu, que será sempre
Meu! Relumeia á minha frente,
E devora num instantinho
As minhas paus Taboas da Lei.

Moralidade, lei sêca, vá-se
Embora! Vá por Seca e Meca!
Darei Seca, Meca e Baía
Por mais êste amor, sim, mais um,

Porquê enfim é amante de poeta
Toda e qualquer mulher que passe!

Extase! Desejo! Loucura!
Quasi dolorosa surpresa!
Espanto de não ser mais só!
E a gente imagina que é o pó
Que sufoca e, vai, com aspereza
Bota a culpa na Prefeitura.

Minha paixão de sopetão!
Já nem posso mais respirar!
Que pescoço! que braços! quê!...
Bom... olhemos a natureza.

O céu se encurva sobre o chão
Num gesto forte de abraçar.

Te amo!... Que bonita que ela é!...
Trago comigo o cheiro dela,
Só penso nela!... Infelizmente
O meu caso não tem futuro,
Ai, Maria do perfil duro,
Ai, Maria sempre presente!...

Que friume em minha tristeza...
Rapazes! a minha alegria,
A minha alegria está prêsa
Num perfil duro de mulher!
Ela me olha tão fria, fria...

Ora! verifiquemos como
Rictus: "Merde! voilà l'hiver."

Poeta, sossegue, ela é casada...
Pois sim. Pensemos noutra coisa.
No que será?... Negro de suéter,
Que engraçado!... mas...que tristeza!
Esta vida não vale nada!...
Vou cantar a Louvação do Eter!

Vaga hipotese sem perigo!
Hangar da nossa segurança!
Luz de Einstein et caterva! Prova
Dos nove da sabença humana!
Deus, que a cosmogonia nova
Nunca viu, mas conta contigo!

Obra-prima do nosso Amigo!
De alguma entocaiada parte
Aonde a sciencia não entrou,
Me dás a honra de ser, e eu sou,
Por tuas artes, Malazarte,
Vaga hipotese sem perigo...

Tudo isto ha-de passar, Maria,
Durma em sossêgo. O meu respeito
Sempre ha-de respeitar você.
Eu não aguento mais meu peito!
Mas jamais não aceitaria
Arranjos como o de Musset!

Durma sem medo, sossegada.
Você não vai prá sala grande,
Tem sala á parte em meu harem.
Vista o pijama dos meus olhos,
E descanse sobre o meu sonho
Que nunca fez mal pra ninguém!

Eu velarei a corajosa
Dormindo sobre a dinamite...
Fumos... Assombrações... Não te
Largo mais, Iara do Tietê!...
Ao menos até que fareje
Alguma paixonite nova...

E' o fim. Lá fóra dormirá
Paulicea. Paz. Quasi informe,
Ela dorme, dorme sorrindo,
Enquanto gemo o verso lindo
Com que as índias parecís dormem...
Uirô mococê cê-macá...

III

Cantiga do Ai

Ai, eu padeço de penas de amor,
Meu peito está cheio de luz e de dor!

Ai, uma ingrata tão fria me olhou,
Que vou-me daqui sem saber pra onde vou!

Eu cheirei um dia um aroma de flor
E vai, fiquei doendo de penas de amor!

Foi minha ingrata que por mim passou!
Ai, gentes! eu parto! não sei pra onde vou!

Ai, malvada ingrata que escolhi bem!
Eu sofro e não posso queixar de ninguém!

Sofro mas me orgulho de meu sofrer,
E' linda a malvada que fui escolher!

Tem a mansidão dos portos de mar
Mas porém é arisca que nem pomba-do-ar!

Ela é quieta e clara, ela é rosicler,

E' a boca-da-noite virada mulher!

Ai, unhas de vidro pra me encantar!
Ai, olhos riscados pra não me enxergar!

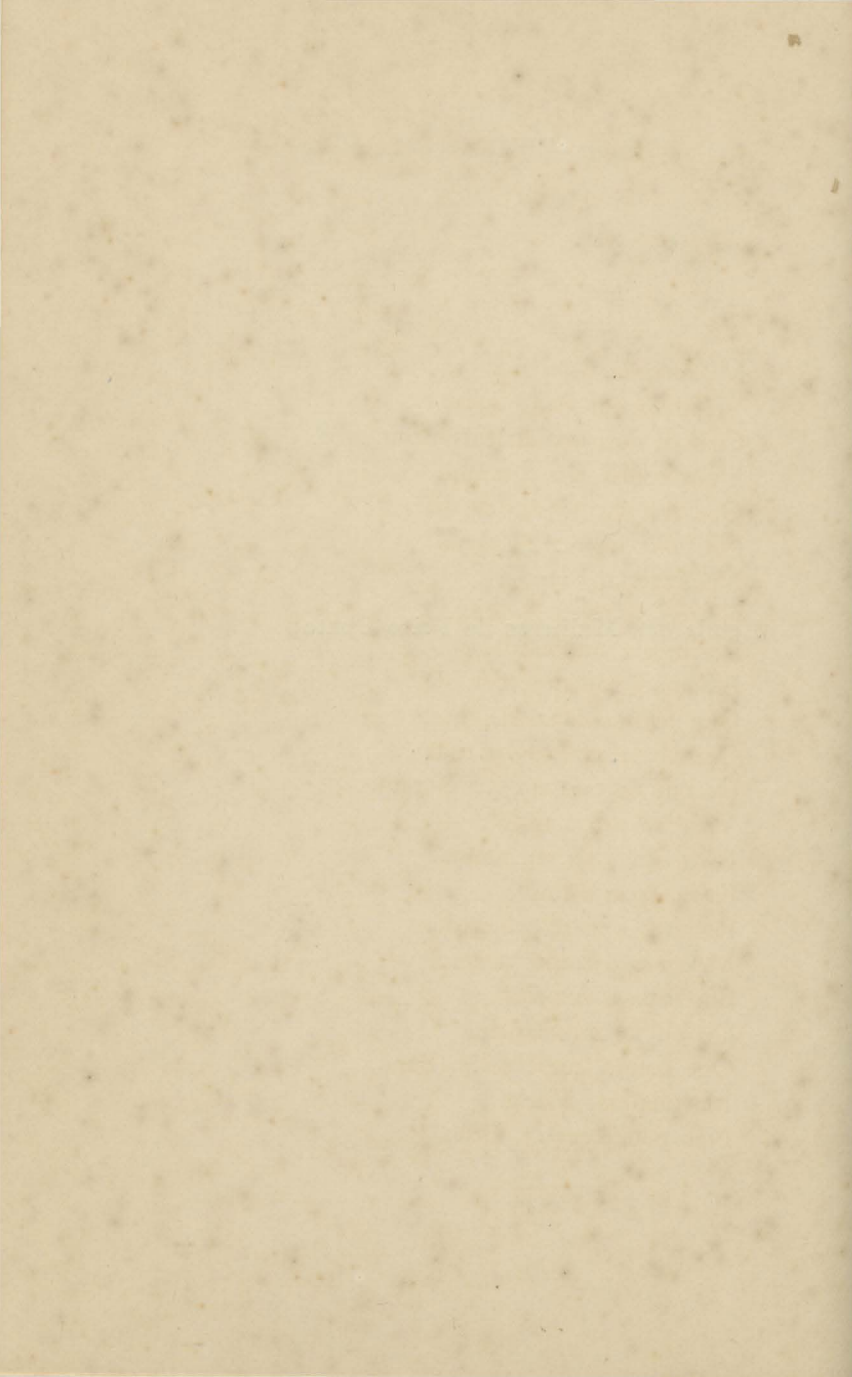
Ai, peito liso, boca de carmim!
Ingrata malvada que não pensa em mim!

Ai, pena tamanha que me quebrou!
Adeus! vou-me embora! não sei pra onde vou!

Lastimem o poeta que vai partir,
Moçada se amando no imenso Brasil!...

IV

Lenda das Mulheres de Peito Chato



Macunaíma, Maria,
Viajando por essas terras
Com os dois manos, encontrou
Uma cunhã tão formosa
Que era um pedaço de dia
Na noite do mato-virgem.
Macunaíma, Maria,
Gostou da moça bonita.
Porém ela era casada,
E jamais não procedia
Que nem as donas de agora,
Que vivem mais pelas ruas
Do que na casa em que moram;
Vivia só pro marido
E os filhos do seu amor,
Fiava, tecia o fio,
Pescava, e março chegado,
Mexendo o corpo gostoso,
Ela fazia a colheita
Do milho de beira-rio.
Que bonita que ela é!... Bom.
Macunaíma, Maria,
Não pôde seguir, ficou.

Quê que havia de fazer!
Amar não é desrespeito,
Falou pra ela e ela se riu.
Então lhe subiu do peito
A escuriza da paixão,
E o apaixonado cegou.
Pegou nela mas a moça
Possuia essa grande fôrça
Que é a fôrça de querer bem:
Forceja que mais forceja,
Até deu nele! Não doeu.
Macunaíma, Maria,
Largou da moça.

Ôh, meu Deus!

Como estava contrariado!
Pois um moço que ama então
Não tem direito de amar!
Tem, Maria, tem direito!
Te juro que tem direito!
Macunaíma fez bem!
O amor dele era tão nobre
Ver o do outro que casou.
Casar é uma circunstancia
Que se dá, que não se dá,
Porém amar é a constancia,
Porta num, se abanca, e o pobre
Tem que lhe matar a fome,
Dar cama pra êle dormir.
Macunaíma, Maria,
Era como eu brasileiro,

E em todas as moradias
Que se erguem no chão quentinho
Do nosso imenso Brasil,
Não tem uma que não tenha
Um quarto-de-hóspedes pronto!
Pobre do Macunaíma,
Não tem culpa de penar!
Foi brasileiro, amor veio,
Ele teve que hospedar!

—Eu te amo, (que êle falava)
Moça linda! Você tem
Esse risco de urucum
Na beira do olhar somente
Pra não ver quem te quer bem!
Olhos de jaboticaba!
Colinho de cujubim!...
Te adoro como se adora
Com doçura e com paixão!
Maria... Vamos embora!
(Que êle falava prá moça)
Eu quero você pra mim!

Bom. O coitado, Maria,
De tanta contrariedade,
Pôs reparo que é impossível
Se ser feliz neste mundo,
Em plena infelicidade...
Se vingou. Tinha ali perto
Dois cachos de bananeira.

Cortou deles...você sabe,
Os mangarás pendurados,
Que de tão arroxeados
Têm mesmo a cor da paixão.
Lá no Norte chamam isso
De "filhotes da banana",
E a bananeira dá fruta
Uma vez, não dá mais não...
Macunaíma, Maria,
Pegou na moça, arrancou
Os peitinhos emproados
Do colo de cujubim,
Pendurou no lugar deles
Os filhotes da paixão.

Por isso essa moça dura,
De quem nós todos nascemos,
Tem o colo que nem de homem,
De achatado que ficou.
E hoje as donas são assim...

Adianta a lenda que a moça
Ficou feia... Não sei não...

V

Eco e o Descorajado

Neste lugar solitário
Onde nem canta o sem-fim,
Choro. E um eco me responde
Ao choro que choro em vão.
Eco, responda bem certo,
Meus amigos me amarão?...
E o eco me responde: — Sim.

Pois então, eco bondoso,
Você que sabe a razão
Porquê deixando o tumulto
De Paulicea, aqui vim:
Eco, responda bem certo,
Maria gosta de mim?...
E o eco me responde: — Não!

Antes morrer!... Eu me sinto
Tão vazio com êste amor...
Não aguento mais meu peito!
Morrer! seja como for!
Eco, responda bem certo,
Morrerei hoje, amanhã?...

E o eco me responde: — Nhãam...

VI

Louvação da Tarde

Tarde incomensuravel, tarde vasta,
Filha de Sol já velho, filha doente
De quem despreza as normas da Eugénia,
Tarde vazia, dum rosado palido,
Tarde tardonha e sobretudo tarde
Imovel... quasi imovel: é gostoso
Com o papagaio louro do ventinho
Poisado em minha mão, pelas ilhotas
Dos teus perfumes me perder, rolando
Sobre a desabitada rodovia.
Só tu me desagregas, tarde vasta,
Da minha trabalhadeira. Sigo livre,
Deslembrado da vida, lentamente,
Com o pé esquecido do acelerador.
E a maquininha me conduz, perdido
De mim, por entre cafêzais coroados,
Enquanto meu olhar maquinalmente
Traduz a lingua norteamericana
Dos rastros dos pneumaticos na poeira.
O doce respirar do forde se une
Aos gritos ponteagudos das graúnas,
Aplacando meu sangue e meu ofêgo.

São murmúrios severos, repetidos,
Que me organizam todo o ser vibrante
Num metodo sadio. Só no exílio
De teu silêncio, os ritmos maquinares
Sinto, metodisando, regulando
O meu corpo. E talvez meu pensamento...
Tarde, recreio de meu dia, é certo
Que só no teu parar se normalisa
A onda de todos os transbordamentos
Da minha vida inquieta e desregrada.
Só mesmo distanciado em ti, eu posso
Notar que tem razão-de-ser plausível
Nos trabalhos de ideal que vou semeando
Atabalhoadamente sobre a Terra.
Só nessa vastidão dos teus espaços,
Tudo o que gero e mando, e que parece
Tão sem destino e sem razão, se junta
Numa ordem verdadeira... Que nem gado,
Pelo estendal do jaraguá disperso,
Ressurge de tardinha e, enriquecido
Ao abôio sonoro dos campeiros,
Enriquece o criador com mil cabeças
No circo da mangueira rescendente...

Tarde macia, pra falar verdade:
Não te amo mais do que a manhã, mas amo
Tuas formas incertas e estas cores
Que te maquilham o carão sereno.
Não te prefiro ao dia em que me agito,
Porém contigo é que imagino e escrevo

O rodapé do meu sonhar, romance
Em que o Joaquim Bentinho dos desejos
Mente, mente, remente impavido essa
Mentirada gentil do que me falta.
Um despropósito de perfeições
Me cerca e, em grata sucessão de casos,
Vou com elas vivendo uma outra vida:

...Toda dor física azulou... Meu corpo,
Sem artritismos, faringites e outras
Específicas doenças paulistanas,
Tem saúde de ferro. Às intemperies
Exponho as ondas rijas dos meus músculos,
Sem medo. Praquê medo!... Regulares,
Mais regulares do que os meus, os traços
Do meu rosto me fazem desejado
Mais facilmente que na realidade...
Já não falo por ela não, por essa
Em cujo perfil duro jaz perdida
A independência do meu reino de homem...
Que bonita que ela é!... Qual!... Nem por isso.
Não sonho sonhos vãos. A realidade,
Mais esportiva de vencer, me ensina
Esse jeito viril de ir afastando
Dos sonhos vesperais os impossíveis
Que fazem a quimera, e de que a vida
É nua, friorentamente nua.
Não a desejo não... Viva em sossêgo
Essa que sendo minha, nos traria
Uma vida de bléfe, arrebatada

Por mais estragos que deslumbramentos.
Isto, em bom português, é amor platonico...
Quá! quá! quá!... Desejemos só conquistas!
Um poder de mulheres diferentes,
Meninas-de-pensão, costureirinhas,
Manicuras, artistas, datilógrafas,
Brancaranas e loiras sem escandalo,
Desperigadas... livro de aventuras
Dentro do qual secasse a imagem da outra,
Que nem folha de malva, que nem folha
De malva... da mais pura malva perfumada!...

Livre dos piúns das doenças amolantes,
Com dinheiro sobrando, organisava
As poucas viagens que desejo... Iria
Viajar todo êsse Mato Grosso grosso,
Danado guardador da indiada feia,
E o Paraná verdinho... Ara, si acaso
Tivesse imaginado no que dava
A Isidora, não vê que ficaria
Na expectativa pança em que fiquei!
Revoltoso banzando em viagens tontas,
Ao menos o meu sul conheceria,
Pampas forraginosos do Rio Grande
E praias ondejantes do Iguassú...
Tarde, com os cobres feitos com teu ouro,
Paguei subir pelo Amazonas... Mundos
Desbarrancando, chãos desbarrancados,
Aonde no quirirí do mato brabo
A terra em formação devora os homens...

Este refrão dos meus sentidos... Nada
Matutarei mais sem medida, ôh tarde,
Do que esta patria tão despatriada!

Vibro! Vibro. Mas constatar sossega
A gente. Pronto, sosseguei. O forde
Recomeça tosando a rodovia.
"Nosso ranchinho assim tava bom"... Sonho...
Já sabe: desejando sempre... Um sítio,
Colonizado, sem necessidade
De japoneses nem de estefanóderis...
Que desse umas quatorze mil arrobas...
Já me bastava. Gordas invernadas
Pra novecentos caracús bem...

Tarde,

Careço de ir voltando, estou com fome.
Ir pra um quarto-de-banho hidroterapico
Que fosse a peça de honra dêste rancho,
Aonde tambem, faço questão, tivesse
Dois ou tres quartos-de-hospedes... Isto é,
De hóspedes não, de amigos... Esta casa
E' sua... Entre... Se abanque... Mande tudo...
Não faça cerimonia... Olha, de-noite
Teremos Hindemith e Vila Lobos!
Que bom! possuir um aparelho de
Radio-telefonía tão perfeito
Que pegasse New York e Buenos Aires!...
Tarde de meu sonhar, te quero bem!

Deixa que nesta louvação, se lembre
Essa condescendencia puxapuxa
De teu sossêgo, essa condescendencia
Tão afeiçoavel ao desejo humano.
De-dia eu faço, mas de-tarde eu sonho.
Não és tu que me dás felicidade,
Que esta eu crio por mim, por mim somente,
Dirigindo sarado a concordancia
Da vida que me dou com o meu destino.
Não marco passo não! Mas si não é
Com desejos sonhados que me faço
Feliz, o excesso de vitalidade
Do espirito é com êles que abre a válvula
Por onde escoa o inutil excessivo;
Pois afastando o céu de junto á Terra,
Tarde incomensuravel, me permites,
Qual jaburús-moleques de passagem,
Lançar bem alto nos espaços essa
Mentirada gentil do que me falta.

Ciao, tarde. Estou chegando. E' quasi noite.
Todo o céu já cinzou. Dependurada
Na rampa do terreiro a gaiolinha
Branca da máquina "São Paulo" inda arfa,
As tulhas de café desentulhando.
Pelo ar um lusco-fusco brusco trila,
Serelepeando na baixada fria.
Bem no alto do espigão, sobre o pau sêco,
Ver um carancho, se empoleira a Lua,
—Condescendente amiga das metáforas...

VII

Maria

Passa pura neste mundo,
Sendo chique e sendo rica,
Tem marido, quatro filhos,
Sabe rir, sabe gosar,
O nome dela é Maria.

Faz pouco telefonou
Falando que não iria
No chá da casa da amiga.
De vez em quando ela falta
Às festas de sociedade,
Arranja dor-de-cabeça
E outras desculpas assim.

Agora está no jardim
Toda de branco vestida.

O Sol é um pintor das duzias!
Diz-que pretende doirar
Aqueles cabelos curtos...
Não vê! só faz relumear
O preto daquele preto,

Que não tem nada mais preto
Que os cabelos de Maria!

Como é bonita! Seus olhos
São que nem jaboticabas,
E mesmo que o perfil dela
Seja um pouco duro, a gente
Assuntando aquele rosto
Que o rouge aviva mansinho,
A gente sente um sossêgo
De peito de passarinho.

A gente sente...meu Deus!
De deveras, um amor...
Que não é amor, é amorzinho
Feito de admiração.
Encanto de dia-santo!
Gôsto que não dá desgôsto!
Amor não! Veneração!

Si eu falasse que Maria
Traz um halo na cabeça,
Halo de santa moderna
Que maxixa e fala o inglês,
Muita gente se riria...
Pois se riam á vontade!
Maria traz na cabeça
O halo de Santa Maria!

E' Shelley que está na moda,

E as mãos dela sobre a capa
Da edição de Oxford, orvalham
O couro negro macio
Com as gotas sêcas do brilho
Das unhas manicuradas.

Não quis mais ler porquê livro
Não lhe dá a gostosura
Que tem vendo as travessuras
Dos filhinhos em redor.

Um fala que tem de ser
Chofêr duma lincoln verde;
O outro inda não sabe, hesita
Entre médico e aviador;
O caçula... lá se amola
Em saber o que será!
E' pecurrucho, não pensa.
Tem a instintiva sabença
De andorinha taperá:
Aonde faz quente, êle vai.
Gatinhando emigra bambo
Do colo da mãi pro pai,
Do colo do pai prá cama.

Agora dorme na grama
Sobre o pleide branco e preto.
Troca a noite pelo dia...
Junto dele a ama cochila,
No branco e preto de estilo.

...Que a champanha dos jantares,
Tal-e-qual a cobra preta,
Vem de-noite e chupa o leite
Da sem seios da Maria...

E Maria, a outra filhinha,
Maria filha de Maria,
Parecida com Maria,
Essa emburrou porquê o mano
Mais velho diz que não quer
Que ela beije a cara dele.
Ha-de ser chofêr da lincoln
E ha-de viver toda a vida
Sem boquinha de mulher!

Maria se ri tranquila.
São anjos, não são? São anjos
Que não têm asas por baixo
Dos suéteres de listrão.
Já falam seu alemão
Com a governanta comprida,
Mas que são anjos? são anjos
Da boniteza da vida!

...Que anjos são êstes
Que estão me arrodando,
De-noite e de-dia...
Padre Nosso...

Avê, Maria!

Poemas da negra

(1929)

A Cicero Dias

I

Não sei por que espirito antigo
Ficamos assim impossíveis...

A Lua chapeia os mangues
Donde sai um favor de silêncio
E de maré.

Es uma sombra que apalpo
Que nem um cortejo de castas rainhas.
Meus olhos vadiam nas lágrimas.
Te vejo coberta de estrêlas,
Coberta de estrêlas,
Meu amor!

Tua calma agrava o silêncio dos mangues.

II

Não sei si estou vivo...
Estou morto.

Um vento morno que sou eu
Faz auras pernambucanas.
Rola rola sob as nuvens
O aroma das mangas.
Se escutam grilos,
Cricrido contínuo
Saindo dos vidros.

Eu me inundo de vossas riquezas!
Não sou mais eu!

Que indiferença enorme...

III

Você é tão suave,
Vossos lábios suaves
Vagam no meu rosto,
Feçam meu olhar.

Sol-posto.

É a escuridão suave
Que vem de você,
Que se dissolve em mim.

Que sono...

Eu imaginava
Duros vossos lábios,
Mas você me ensina
A volta ao bem.

IV

Estou com medo...
Teu beijo é tão beijo,
Tua inocencia é dura,
Feita de camelias.

Ôh, meu amor,
Nós não somos iguais!

Tu me proíbes
Beber agua após...

Eu volto á calma
E não te vejo mais.

V

Lá longe no sul,
Lá nos pés da Argentina,
Marulham temiveis os mares gelados,
Não posso fazer mesmo um gesto!

Tu me adivinhas, meu amor,
Porém não queres ser escrava!

Flores!

Apaixonadamente meus braços desgalham-se,
Flores!

Flores amarelas do pau-darco secular!

Eu me desgalho sobre teu corpo manso,
As flores estão caindo sobre teu corpo manso,
Te cobrirei de flores amarelas!

Apaixonadamente

Eu me defenderei!

VI

Quando
Minha mão se alastra
Em vosso grande corpo,
Você estremece um pouco.

É como o negrume da noite
Quando a estrêla Venus
Vence o véu da tarde
E brilha enfim.

Nossos corpos são finos,
São muito compridos...

Minha mão relumeia
Cada vez mais sobre você.

E nós partimos adorados
Nos turbilhões da estrêla Venus!...

VII

Não sei porquê os tetéus gritam tanto esta noite...
Não serão talvez nem mesmo os tetéus.
Porém minha alma está tão cheia de delírios
Que faz um susto enorme dentro do meu ser.

Estás imóvel.
Ês feito uma praia...
Talvez estejas dormindo, não sei.

Mas eu vibro cheínho de delirios,
Os tetéus gritam tanto em meus ouvidos,
Acorda! ergue ao menos o braço dos seios!
Apaga o grito dos tetéus!

VIII

Nega em teu ser primario a insistencia das coisas,
Me livra do caminho.

Côlho mancheias de meus olhares,
Meu pensamento assombra mundos novos,
E eu desejava estar contigo...

Ha vida por demais neste silêncio nosso!

Eu proprio exalo flúidos leves
Que condensam-se em torno...
Me sinto fatigantemente eterno!

Ah, meu amor,
Não é minha amplidão que me desencaminha,
Mas a virtuosidade!

IX

Na zona da mata o canavial novo
É um descanso verde que faz bem;
É uma suavidade poisar a vista
Na manteiga e no pêlo dos ratos;
No mais matinal perfume francês
A gente domina uma dedicação;

Apertando os dedos no barro mole
Ele escorre e foge,
E o corpo estremece que é um prazer...

Mas você é grave sem comparação.

X

Ha o mutismo exaltado dos astros,
Um som redondo enorme que não para mais.
Os duros vulcões ensangüentam a noite,
A gente se esquece no jôgo das brisas,
A jurema perde as folhas derradeiras
Sobre Mestre Carlos que morreu.
Dir-se-ia que os ursos
Mexem na sombra do mato...
A escuriza cai sobre abelhas perdidas.
Um potro galopa.
Ponteia uma viola
De sertão.

Nós estamos de pé,
Nós nos enlaçamos,
Somos tão puros,
Tão verdadeiros...

Ôh, meu amor!

O mangue vai refletir os corpos enlaçados!

Nossas mãos já partem no jôgo das brisas,

Nossos labios se cristalisam em sal!

Nós não somos mais nós!

Nós estamos de-pé!

Nós nos amamos!

XI

Ai momentos de fisico amor,
Ai reintrancias de corpo...
Meus labios são que nem destroços
Que o mar acalanta em sossêgo.

A luz do candieiro te aprova,
E...não sou eu, é a luz aninhada em teu corpo
Que ao som dos coqueiros do vento
Farfalha no ar os adjetivos.

XII

Lembrança boa,
Carrego comigo tua mão.

O calor exausto
Oprime estas ruas
Que nem a tua boca pesada.
As igrejas oscilam
Por cima dos homens de branco,
E as sombras despencam inuteis
Das botinas, passo a passo.

O que me esconde
É o momento suave
Com que as casas velhas
São roseas, morenas,
Na beira do rio.

Dir-se-ia que ha madressilvas
No cáis antigo...
Me sinto suavissimo de madressilvas
Na beira do rio.

Marco da Viração

Aspiração

(9 - IX - 1924)

Doçura da pobreza assim...
Perder tudo o que é seu, até o egoísmo de ser seu,
Tão pobre que possa apenas concorrer prá multidão...
Dei tudo o que era meu, me gastei no meu ser,
Fiquei apenas com o que tem de toda a gente em mim...
Doçura da pobreza assim...

Nem me sinto mais só, dissolvido nos homens iguais!

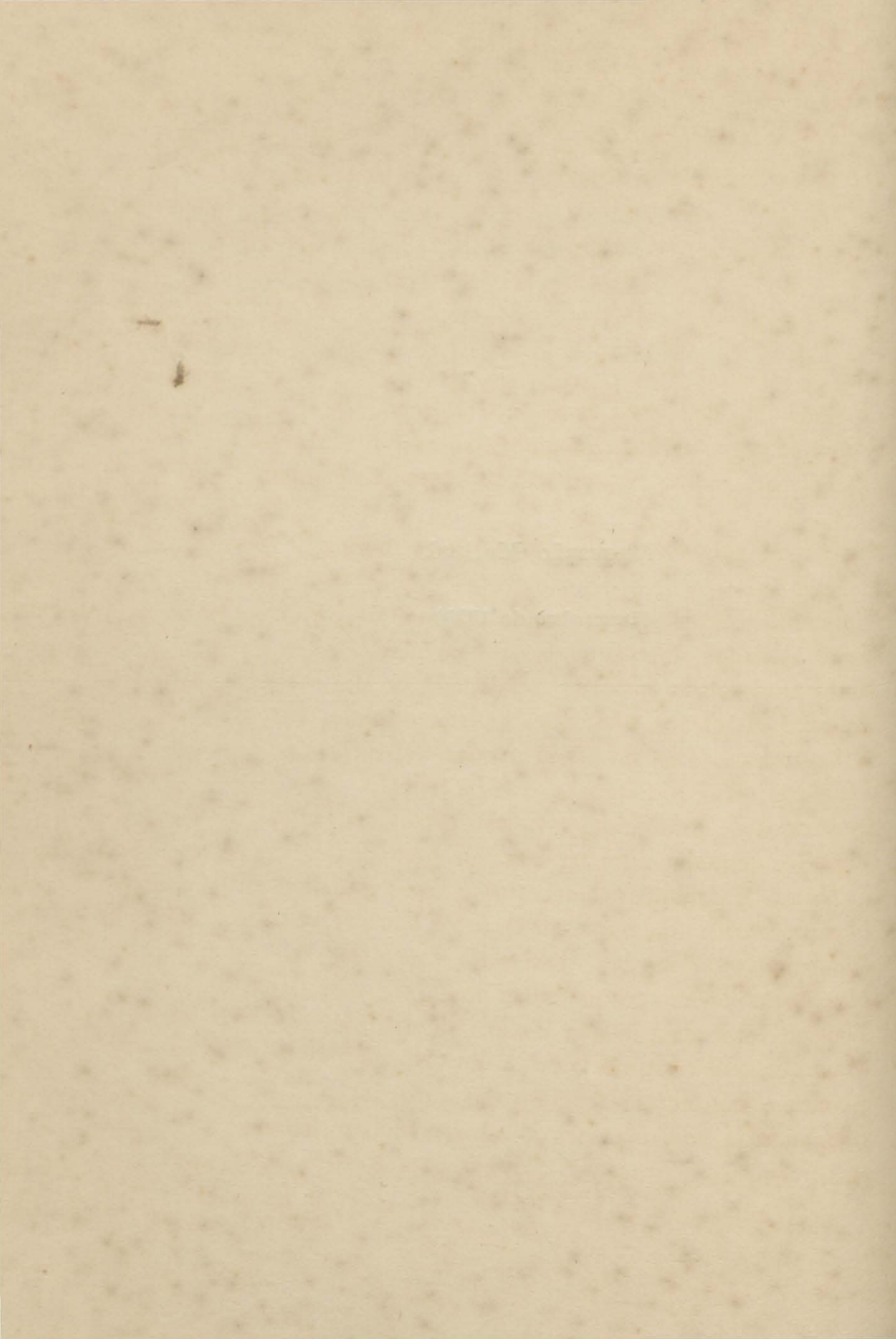
Eu caminhei. Ao longo do caminho,
Ficava no chão orvalhado da aurora,
A marca emproada dos meus passos.
Depois o Sol subiu, o calor vibrou no ar
Em particulas de luz doirando e sôpro quente.

O chão queimou-se e endureceu.
O sinal dos meus pés é invisível agora...
Mas sobra a Terra, a Terra carinhosamente muda,
E crescendo, penando, finando na Terra,
Os homens sempre iguais...

E me sinto maior, igualando-me aos homens iguais!...

Louvação Matinal

(Dezembro de 1925)



É de-manhã. Se sente a fadiga boa do sono.
Porém o corpo estica, chupando com os poros abertos,
Toda a luz, todo o frescor, todo o impeto da manhã.

Eu fiz da minha vida sempre um rasgo matinal...

Enquanto a agua rija do banho me bate no corpo
Sinto a manhã se levantando viva no país...
Sinto movendo as coxas das coxilhas lá no sul;
Adiante os colonos monotonos erguem o mate,
E na sombra fraca do carijo a brisa trabalha,
Deitando sobre a congonha o bafo sedento dela;
Nos sitios de serra-acima o Solzão dependurado,
Polido e carnudo que nem fruta de gerimum,
Despenca dos itaquás sangrentos e se esbandalha
Nas roças de milho, nas roças de arroz e nos corgos,
Afugentando a sombra funda das canhadas;
Nas terras de milagre as aguas prenhes dos garimpos
Choram em cada bateia a lagrima dum diamante;
Mais pra arriba o grito pontudo do Cabugí
Achata o murmurejo religioso das juremas;
E quando lá no Amazonas as aguas vadias se listram

Com os circulos dos jacarés que afundam pra descansar,
Vida de trabalho brabo, vida de todo dia.

Os gaiolas sobem lentamente o rio,
E os passarões, de pernas esticadas,
Mergulham em reta nas nuvens morenas do céu...

Tudo o que acorda na manhã do dia natural
Segue uma linha bem traçada, linha já sabida,
Aonde assusta de sopetão o prisco do imprevisto,
Ver codorna que sem querer o camarada levantou.
Possuir consciencia de si mesmo isso é a felicidade,
Isso é a glória de ser, fazendo o que será.
Que a vida de cada qual seja um projeto de casa!
Sêco, o projeto agride o ôlho da gente no papel,
Porém quando a casa se agarra no lombo da terra,
Ela se amiga num átimo com tudo o que enxerga em volta,
Se adoça, perde a solidão que tinha no projeto,
Se relaciona com a existencia, um homem vive nela,
E ela brilha da fôrça do individuo e o glorifica.

Deflorar a virgindade boba do que tem de vir!...
Eu nunca andei metido em sortes nem feitiçarias,
Não posso contar como é a sala das cartomantes,
E minhas mãos só foram lidas pelos beijos das amadas,
Porém sou daqueles que sabem o proprio futuro,
E quando a arraiada começa, não solto a redea do dia,
Não deixo que siga pro acaso, livre das minhas vontades.
O meu passado... Não sei. Nem nunca matuto nele.
Quem vê na noite? o que enxerga na escuraleza assombrada?
O que passou, passou; nossa vaidade é tão constante,

Os preconceitos e as condescendências são tão fáceis
Que o passado da gente não é mais
Que um sono bem comprido aonde um poder de sombras
lentas

Mostram que a gente sonhou. Porém não sabe o que sonhou.
Não recapitular! Nunca rememorar!
Porém num rasgo matinal, em coragem perpétua
Ir continuando o que um dia a gente determinou!

Eu trago na vontade todo o futuro traçado!
Não turtuveio mais nem gesto meu para indeciso!
Passam por mim pampeiros de ambições e de conquistas,
Chove tortura, estrala o mal, serenateia a alegria,
Futuro está gravado em pedra e não se apaga mais!
Por isso é que o imprevisto é para mim mais imprevisto,
Guardo na sensação o medo agil da infância,
Eu sei me rir! eu sei me lastimar com ingenuidade!

Nombrada da terra em força nova na manhã!
Ao pé de mim São Paulo em rosa vibra cheirando vida!
O Sol abrindo o paraquedas de ouro na amplidão
E peneirando o pólen do calor sobre êsse mundo...
Rangem os caminhões. Padeiro entrega o pão. O leite
Ferve no fogo. A feira grita de côr. As notícias
Correm povo no galopão folgado dos jornais.
Autoónibus bufando. Tudo bufando, abrindo asa...
A cidade mexe de vida fresca, temporã.
Ê a manhã! é a manhã! a glória formidável da manhã!...

Eu fiz da minha vida sempre um rasgo, uma nombrada
matinal...

Isso é a felicidade.

É a minha glória.

Improviso do Rapaz Morto

(1 9 2 5)

Morto, suavemente êle repousa sobre as flores do caixão.

Tem momentos assim em que a gente vivendo
Esta vida de interesses e de lutas tão bravas,
Se cansa de colher desejos e preocupações.
Então para um instante, larga o murmúrio do corpo,
A cabeça perdida cessa de imaginar,
E o esquecimento suavemente vem.
Quem que então gose as rosas que o circundam?
A vista bonita que o automovel corta?
O pensamento que o heroisa?...
O corpo é que nem véu largado sobre um movel,
Um gesto que parou no meio do caminho,
Gesto que a gente esqueceu.
Morto, suavemente êle se esquece sobre as flores do caixão.

Não parece que dorme, nem digo que sonhe feliz, está morto.
Num momento da vida o espirito se esqueceu e parou.
De repente êle assustou com a bulha do choro em redor,
Sentiu talvez um desaponto muito grande
De ter largado a vida sendo forte e sendo moço,
Teve despeito e não se moveu mais.
E agora êle não se moverá mais.

Vai-te embora! vai-te embora, rapaz morto!
Ôh, vai-te embora que não te conheço mais!
Não volta de-noite circular no meu destino
A luz da tua presença e o teu desejo de pensar!
Não volta oferecer-me a tua esperança corajosa,
Nem me pedir para os teus sonhos a conformação da Terra!

O universo muge de dor aos clarões dos incendios,
As inquietudes cruzam-se no ar alarmadas,
E é enorme, insuportável minha paz!
Minhas lágrimas caem sobre ti e és como um Sol quebrado!
Que liberdade em teu esquecimento!
Que independencia firme na tua morte!
Ôh, vai-te embora que não te conheço mais!

Momento

(Novembro de 1925)

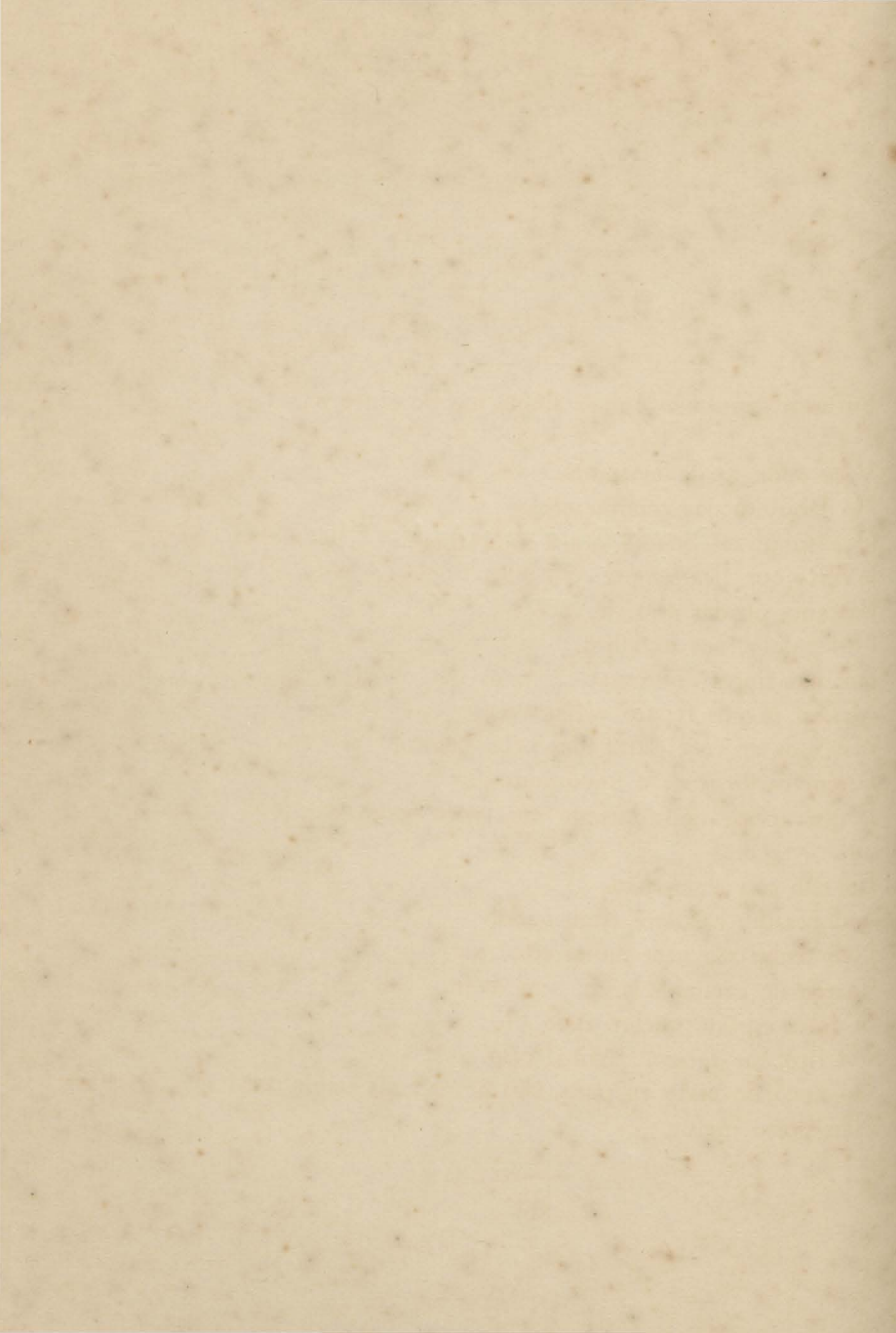
Ninguém ignora a inquietação do clima paulistano...
Pois tivemos hoje uma arraiada fresca de neblina.

Depois do calorão duma noite maldita, sem sono,
Uma neblina leviana desprende das nuvens lisas
E pousou um momentinho sobre o corpo da cidade.
Ôh como era boa, e o carinho que teve pousando!
Não espantou, não bateu asa, não fez nenhuma bulha,
Veio, que nem beijo de minha mãe si estou enfezado
Vem mansinho, sem medo de mim, e poisa em minha testa.
Assim neblina fez, e o sôpro dela acalmou as penas
Desta cidade historica, desta cidade completa,
Cheia de passado e presente, berço nobre onde nasci.

Os beijos de minha mãe são tal-e-qual a neblina madruga...
Meu pensamento é tal-e-qual São Paulo, é histórico e
completo,
É presente e passado e dele nasce meu ser verdadeiro...
Vem, neblina, vem! Beija-me, sossega-me o meu pensamento!

Ponteando sobre o Amigo Rúim

(Março de 1927)



Enfim a gente não é mais amigo um do outro não.

Você anda facil, levianinho,
No labirinto das complicações.
Que subtileza! quanta graça dançarina!...
É certo que fica sempre
Bastante pó das asas de você
Nos galhos, nos espinhos,
Até nas flores dêsse mato...
Mesmo já pus reparo várias vezes
Nas asas de você estragadas pelas beiras...
Porém o essencial, o importante
É que apesar dêsse estrago inda você pode voar.

Eu não sou assim não.
Sou pesado, bastante estabanado,
Não tenho asa nem muita educação.
Careço de caminho largo, bem direito.
Si falta espaço, quebro tudo,
Me firo, me fatigo... Afinal caio.
No meio do mato eu paro, não posso mais caminhar.
Não posso mais.

Você... É possível que ainda me chame de amigo...
Mesmo perdendo um bocadinho de asa
Pousa no meu espinheiro e inda pode voar depois.
Mas eu, eu soffro é certo,
Porém já não sou mais amigo de você.

Você é amigo do mar, você é amigo do rio...

As Bôdas Montevidéanas

(15 - I - 1928)

Todas as coisas estarão boazinhas porquê são indiferentes...
Vocês chegaram até o ponto da alegria...
Praquê matutar mais?

—“Pois que a gente se quer bem, tanto! que o corpo
Consegue ficar na espera tempo longo de conversa,
Não venham nos avisar que é Buenos Aires lá fóra,
Que é Buenos Aires com toda a magnitude firme dela!
Não venham nos avisar que até o garçon olha pra nós...

Não venham não! E que ninguém não venha mais!
Diz, passaro, diz outra vez como foi que você veio parar
aqui!

Diz tudo, e diz principalmente outra vez, passaro!
Repete, não faz mal, repete o caso, colhereira chiquitita do
Brasil!...

Será mesmo que a gente se escuta falando?
Diz, passaro! Que a voz de você ameigue as coisas que muito
já sei,
Enquanto os nossos olhos entram fundo no invisível de nós
dois,
Praquê matutar mais!...”

—“Ah, flores duma outra idade e marchas nupciais, véus de noiva...

Amanhã cedo iremos a Montevidéu casar...

Tem mais comodidade lá na Lei, até divórcio nos reserva,

E nós iremos a Montevidéu só pra casar...

Praquê matutar mais, viva o Uruguai!

Nem bem chegando lá vou no cabeleireiro concertar as
sobrancelhas, stou medonha,

E você bota a gravata listrada que dei pra você.

Nos casaremos alinhados.

Flores de laranjeira não, bobagem! mas... que tal umas
laranjas?

Umas laranjas bem geladas, bem acidadas pro jantar... Vai
ser bom!”

Ah, flores duma outra idade e marchas nupciais, véus de
noiva,

Até vocês podem cair sobre eles, os noivos aceitarão tudo!

A Terra enorme em todos os seus gritos que ranja na
marcha nupcial!

A burundanga dos ventos de poeira, pampeiros, noroestes,
sulões,

Cheirosos, se tecendo em véu de noiva sobre o passaro,

E a florada meridional das estrêlas despencando em flor
sobre eles!...

Aceitam tudo porquê já não é mais hora de enxergar.

E que o quarto de hotel, Montevidéu, a Terra, o mundo,
Sejam pequenos ou grandes, qual! de nada saberão mais!

Canta, som complacente de minha voz, a louvação nupcial
com entusiasmo!

Canta por ti, canta apostando!

Canta, que o canto nupcial é torcida também, torce pra êles!

A equipe nova seguiu andarilha,

Torce pra que êles cheguem juntos no destino!

Torce, ri contente, grita que embora não ouçam-te o grito,

O som irá dinamisar o ardor dos jogadores!

Dinamisa! Dá fôrça, dá ritmo, porquê o jôgo bem torcido

É comovente, mais movimentado e bem de esporte leal!

Abaixo os profissionais!

Canta num som mui alto, casta e desnecessaria!

Desabaladamente, feito boba, canta e recanta muito,

Eles estão no jôgo e já não podem cantar mais!

Torce, torce e grita boba-alegre comovida sem sentido!

Para êles vai ser a vitória ou a derrota no jôgo, despeito ou
completamento,

Porém pra ti, voz minha, resta o canto de esporte vital, acima
dos resultados!

Canta alegre na torcida, voz de poeta!

Canta sem ter razão pra estar alegre!

Dois seres sem temor, sem matutar se uniram, dois a mais!

Não tens razão especial não pra estar alegre, voz de poeta?

Pois canta assim mesmo ignorando a razão que te leva,

Mas canta sempre! Canta empolgada á violencia da Terra,

Á violencia dos seres que através das civilizações aflitivas,

Inda enxergam o Sol na abertura dos dias

E bailam sobre os vulcões!

A Adivinha

(Janeiro de 1928)

Que é que é?

Ele possui uma alma e um corpo feito o nosso

E vai percorrendo o caminho de todos.

Foi piá, quis bem a mãe, quis bem a casa dele,

E afinal uma feita quis bem a cidade e foi homem.

Então gostou da intrepidez das ruas normativas

E cantou o orgulho do homem no individuo.

Pôs a boca no mundo, imaginou que era um,

E era apenas mais um o cantor gastador.

Pôs a boca no mundo e cantou todo o dia,

Porém a voz se fatigou talqualmente os vulcões

E não ficou mais que o instrumento.

Ser o bojo vazio do violão...

A noite igualada separa a vida do universo,

E' o momento em que as coisas todas são resumos

E pelas esquinas dos bairros se engrandecem os violões.

Que é que é?...

É um instrumento de música oscilando num sóco de pedra,

De pedra sangrenta do Itacolumí.

Careceu que pela entrada da cidade lerdamente,

Ao abôio alto dos homens e dos animais,

Viessem os seculos montando bois castrados,
Pra que o violão fosse afinal violão.
O vento afina e desafina as cordas,
A chuva tantana na taboa do pinho,
Remexe a dança com lambança,
Cada sujeito que passa tira um ponteio só dele...
Tudo ponteios, tudo sons sem resultado,
Reboam ressoam na caixa de todos,
Sem cantos, sem palavras... A voz do homem se acabou.

Sobre o mar cinzento relumeia céu de estrêla,
Sobre a Terra girada ao impulso dos passos populares,
Que nem chagas as cidades, que nem chagas...
São berevas. Não! são pensamentos! maravilhas orgulhosas!
São berevas... Taperas e palacios...
E a febre... As aguas mornas do Paraíba...
As aguas novas do Missurí-Mississipi...
O Reno com vilegiaturas e castelos medievais...
Vamos pra Caxambú! pra Karlsbad!
Vamos ver Mussolini! Vamos ver os escravos!
Vamos ver si Leningrado não mudou de nome, gente!

Que é que é! É o violão. Um ponteio sem voz
Trepadeirando até agarrar lá em riba
Nos espeques firmes das estrêlas do céu.
Nos ares as luzes torcendo cruzando,
Sempre dança, tudo maxixe impossivel,
As luzes fazem traçados em emboladas de luz.
São anuncios. Todas as luzes são anuncios.

Todas as ideias e paixões é tudo anúncio! Tudo só anúncio,
só anúncio no mundo!

E o pinho rebôa ressoa se estrala em só anúncio!

Uma bruta duma dança rag remexe a Terra?

Um pensamento fundo rasga um lapo na caixa do pinho?

Porém que é que é! Será choro? Será seresta de festa?

Será que é pensamento mesmo? será piá? Serapião? Será
violão!

Que é que é balanceado no sóco de pedra

O instrumento saracoteando anuncios de harmonias?...

Os criticos analisarão todas as harmonias,

Os pensamentos conceberão sistemas e tonalidades,

Será possível tirar uma regra e a regra viverá setenta-e-um
anos...

Mas que é que é o violão que existe e existirá

Alem da regra e a regra não diz nada e o violão vê na
regra só anúncio!...

Êh, cordas, cordas, cordas metalicas feitas de seculo,

Se quebrem logo! Cordas, o violão não pode mais saber o
que são cordas,

Não sabe porquê soa tanto e a caixa de ressonancia

Vibra com tudo, mesmo com o frescor sentimental da Luna
sertaneja...

Êh, cordas do violão, porquê não viram homem outra vez?

Deixem que êle cante a geometria praceana,

E o Carnaval, e a Flor de Amor, e Mamã com Papai!

Deixem que êle possa achar de novo as palavras arcaicas!

Mas o violão é mais imenso que as palavras
E não as compreende mais.

Que significa até a palavra "Deus"?

...alguma coisa mais desejada...

Mais bem puxada, mais bem dançada,

Alem do mundo e do pensamento...

Catira leve e jongo lento,

Pra que não basta noite de dança...

Extase de interminavel festança,

Que a insuficiencia do amor não abre

Na flor humana duma palavra...

Ele ressoa no bojo do violão! no bordão! gentes, bem no
bordão!

Mas o violão não sabe não! ninguém não sabe!

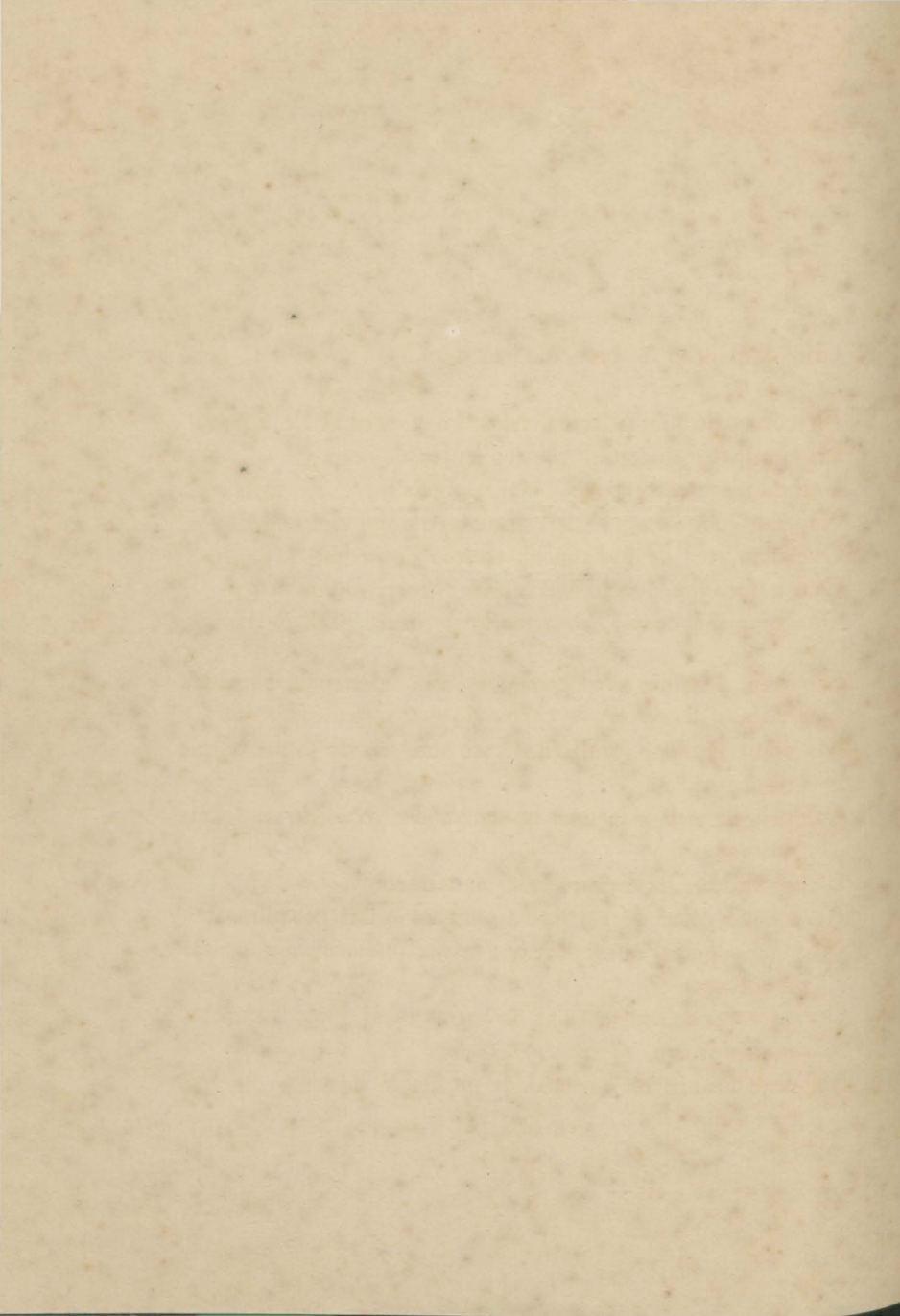
É tudo um som sem sins!... Platariviux! gentes, platariviux!..

Que é que é! Que é que é!...

E a tristeza iluminada, vasta, instrumental,
Acida inquietação, maravilhando, turtuveando,
Recai sobre a adivinha.

Improviso do Mal da America

(Fevereiro de 1928)



Grito imperioso de brancura em mim...

Êh coisas de minha terra, passados e formas de agora,
Êh ritmos de síncope e cheiros lentos de sertão,
Varando contracorrente o mato impenetrável do meu ser...
Não me completam mais que um balango de tango,
Que uma reza de indiano no templo de pedra,
Que a façanha do chim comunista guerreando,
Que prantina de piá, encastoado de neve, filho de lapão.

São ecos. Mesmos ecos com a mesma insistência filtrada
Que ritmos de síncope e cheiro do mato meu.
Me sinto branco, fatalisadamente um ser de mundos que
nunca vi.

Campeio na vida a jacumã que mude a direção destas igaras
fatigadas

E faça tudo ir indo de rodada mansamente
Ao mesmo rolar de rio das aspirações e das pesquisas...
Não acho nada, quase nada, e meus ouvidos vão escutar
amorosos

Outras vozes de outras falas de outras raças, mais formação,
mais força.

Me sinto branco na curiosidade imperiosa de ser.

Lá fóra o corpo de São Paulo escorre vida ao guampasso
dos arranhacéus,
E dança na ambição compacta de diluvios de penetras.
Vão chegando italianos didaticos e nobres;
Vai chegando a falação barbuda de Unamuno
Emigrada pro quarto-de-hóspedes acolhedor da Sulamerica;
Bateladas de hungaros, bulgaros, russos se despejam na
cidade...
Trazem vodka no sapiquá de veludo,
Detestam caninha, detestam mandioca e pimenta,
Não dançam maxixe, nem dançam catira, nem sabem amar
suspirado.

E de-noite monotonos reunidos na mansarda, bancando
conspiração,
As mulheres fumam feito chaminés sozinhas,
Os homens destilam vícios aldeões na catinga;
E como sempre entre êles tem sempre um que manda sempre
em todos,
Tudo calou de sopetão, e no ar amulegado da noite que
súa...
—Côro? Onde se viu agora côro a quatro vozes, minha
gente!—
São coros, coros ucranianos batidos ou misticos, Sehnsucht
d'alem-mar!
Home... Sweet home... Que sejam felizes aqui!

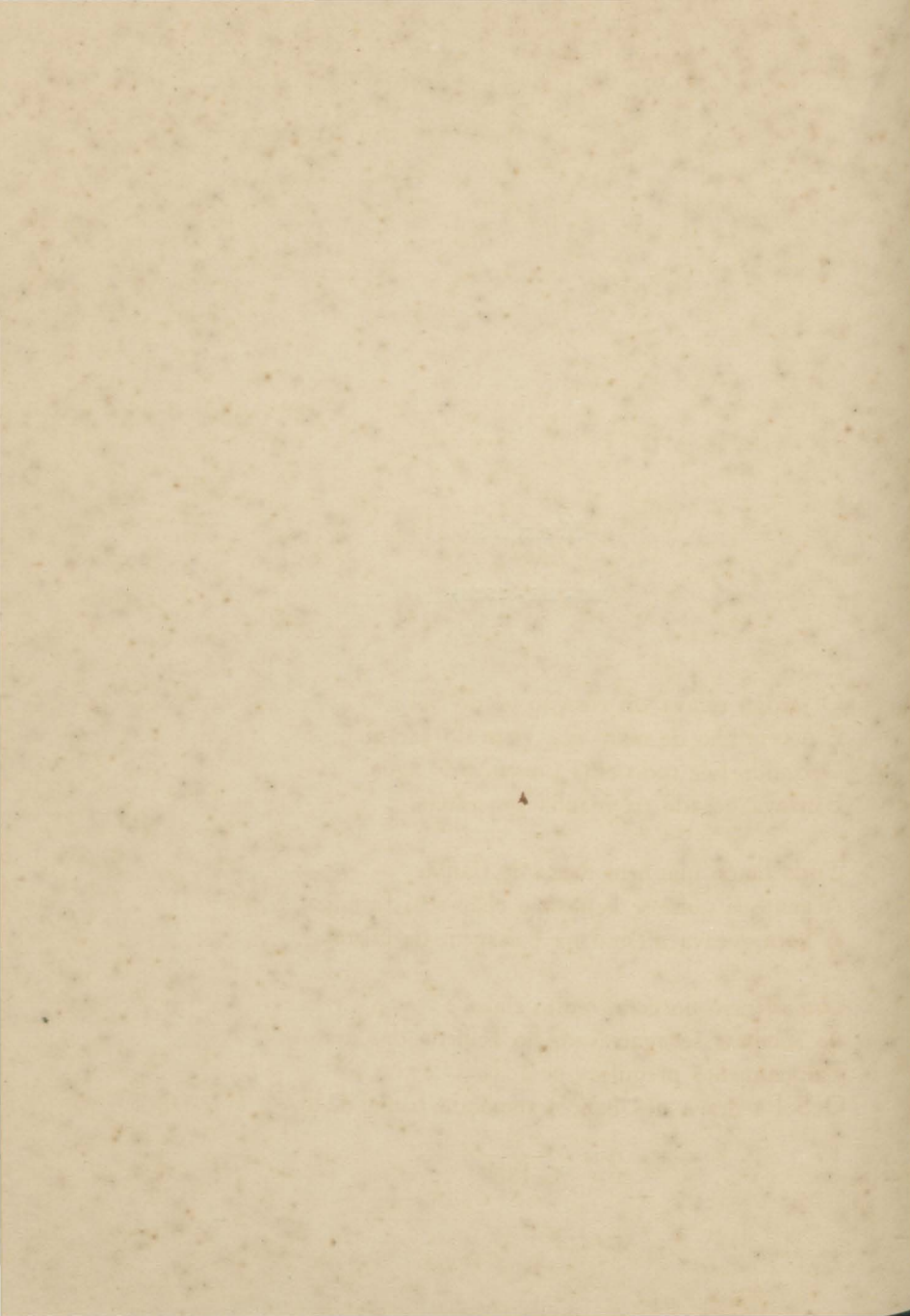
Mas eu não posso não me sentir negro nem vermelho!
De certo que essas cores também tecem minha roupa
arlequinal,

Mas eu não me sinto negro, mas eu não me sinto vermelho,
Me sinto só branco, relumeando caridade e acolhimento,
Purificado na revolta contra os brancos, as patrias, as
guerras, as posses, as preguiças e ignorancias!
Me sinto só branco agora, sem ar neste ar-livre da America!
Me sinto só branco, só branco em minha alma crivada de
raças!



M a n h ã

(18 - III - 1928)



O jardim estava em rosa ao pé do Sol
E o ventinho de mato que viera do Jaraguá,
Deixando por tudo uma presença de água,
Banzava gosado na manhã praceana.

Tudo limpo que nem toada de flauta.
A gente si quisesse beijava o chão sem formiga,
A boca roçava mesmo na paisagem de cristal.

Um silêncio nortista, muito claro!
As sombras se agarravam no folheto das árvores
Talqualmente preguiças pesadas.
O Sol sentava nos bancos tomando banho-de-luz.

Tinha um sossêgo tão antigo no jardim,
Uma fresca tão de mão lavada com limão,
Era tão marupiara e descansante
Que desejei... Mulher não desejei não, desejei...
Si eu tivesse a meu lado ali passeando
Suponhamos Lenine, Carlos Prestes, Gandhi, um dêesses!...

Na doçura da manhã quasi acabada
Eu lhes falava cordealmente:—Se abanquem um bocadinho.
E havia de contar pra êles os nomes dos nossos peixes,
Ou descrevia Ouro Preto, a entrada de Vitoria, Marajó,
Coisa assim, que pusesse um disfarce de festa
No pensamento dessas tempestades de homens.

Momento

(16 - IX - 1928)

Deve haver aqui perto uma roseira florindo,
Não sei... sinto por mim uma harmonia,
Um pouco da imparcialidade que a fadiga traz consigo.

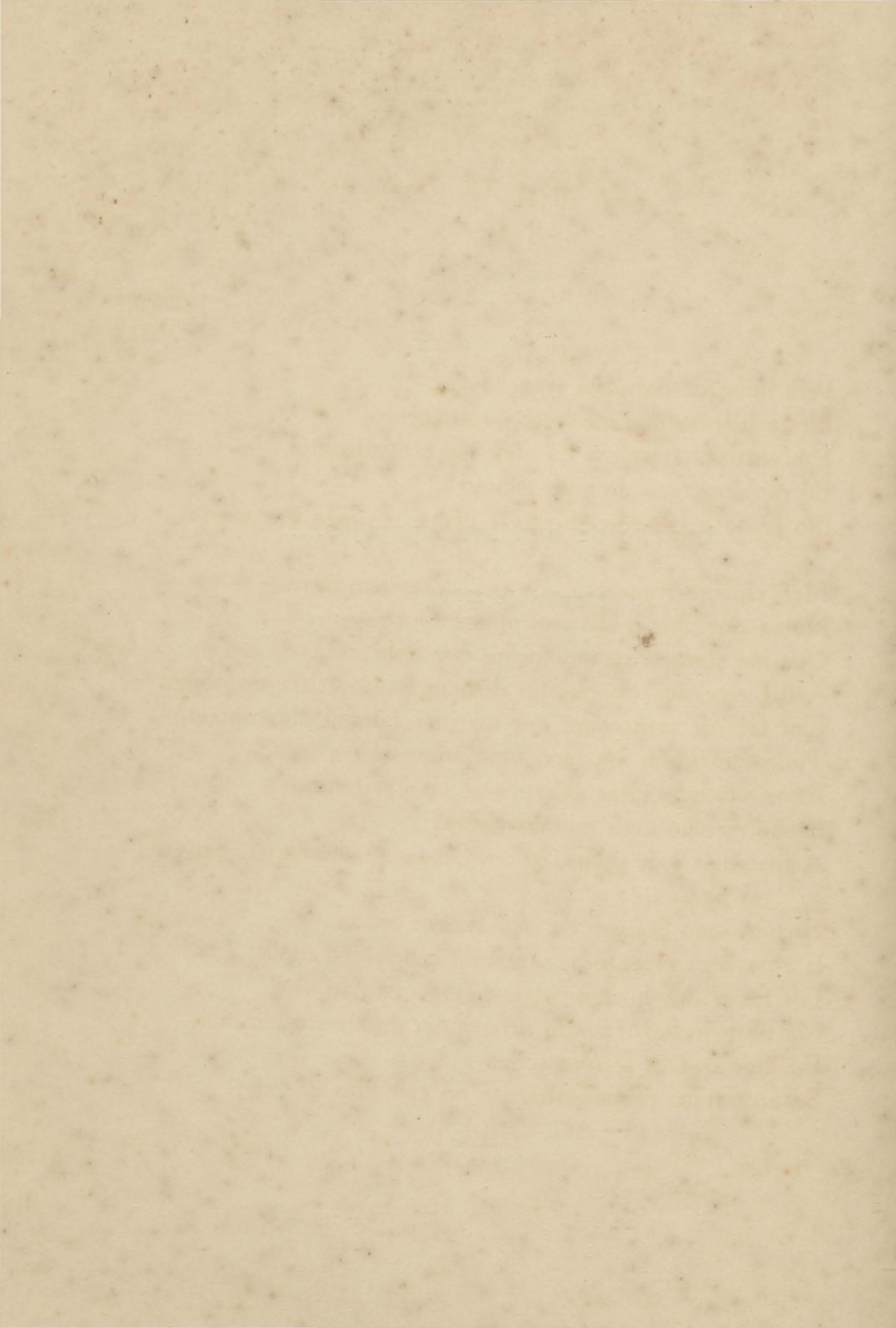
Olho pra minhas mãos. E uma ternura perigosa
Me faz passar a boca sobre elas, roçando,
(De certo é alguma rosa...)
Numa ternura que não é mais perigosa não, é piedade
paciente.

As rosas... Os milhões de rosas paulistanas...
Já tanto que enxerguei minhas mãos trabalhando,
E tapearem por brinquedo umas costas de amigo,
Se entregarem pra inimigo, erguerem dinheiro do chão...
Uma feita meus dedos poisaram nuns lábios,
Nesse momento eu quis ser cego!
Ela não quis beijar a ponta dos meus dedos,
Beijou as mãos, apaixonadamente, em submissão...

Ela beijou o pó das minhas mãos...
O mesmo pó que já desce na rosa nem bem ela se abre.
Deve haver aqui perto uma roseira florindo...
Que harmonia por mim... Que parecença com jardim...
O meu corpo está são... Minha alma foi-se embora...
E me deixou.

Pela noite de barulhos espaçados...

(Junho de 1929)



Pela noite de barulhos espaçados,
Neste silêncio que me livra do momento
E acentua a fraqueza do meu ser fatigadissimo,
Eu me aproximo de mim mesmo
No espanto ignaro com que a gente se chega prá morte.

Meu espirito ringe cruzado por dores sem nexo,
Numa dor unida, tão violentamente fisica,
Que me sinto feito um joelho que dobrasse.
A luz excessiva do estudio desmancha a carícia do objeto,
Um frio de vento vem que me pisa talqual um contacto,
Tudo me choca, me fere, uma angustia me leva,
Estou vivendo ideas que por si já são destinos
E não escolho mais minhas visões.
A apparencia é de calma, eu sei. Dir-se-ia que as nações vivem
em paz...

Ha um sono exausto de repouso em tudo,
E uma cega esperanza, cantando benditos, esmola
Em favor dos homens algum bem que não virá...
Me sinto joelho. Ha um arrependimento vasto em mim.
Eu digo que os seculos todos
Se atrasaram propositalmente no caminho,

Me esperaram, e puxo-os agora como boi fatal.
Me sinto culpado de milhões de seculos desumanos...
Milhões de seculos desumanos me fizeram, fizeram-te, irmão;
E pela noite de barulhos espaçados
Não quero escutar o conselho que desce dos arranhacéus
do norte!

Eu sei que teremos um tempo de horror mais fecundo
Que as rapsodias da fôrça e do dinheiro!

Será que nem uma arrebentação...
Os postos isolados das cidades
Se responderão em alarmas raivacentos,
Saidos das casas iguais e da incuria dos donos da vida.
Havemos de ver muitos manos passando a fronteira,
Haverá pão gratis muito duvidoso,
As salas de improviso se encherão de discussões apaixonadas,
Mortas no dia seguinte em desastres que não sei quais.
Será tempo de esforço caudaloso,
Será humano e será tambem terribilissimo...
Só ha-de haver mulheres que não serão mais nossas mulheres.
Os piás hão-de estar sem confiança catalogados na fila,
E os homens morrerão violentamente
Antes que chegue o tempo da velhice.

Poemas da amiga

(1929 - 1930)

A Jorge de Lima

I

A tarde se deitava nos meus olhos
E a fuga da hora me entregava abril,
Um sabor familiar de até-logo criava
Um ar, e, não sei porquê, te percebi.

Voltei-me em flor. Mas era apenas tua lembrança.
Estavas longe, doce amiga; e só vi no perfil da cidade
O arcanjo forte do arranhacéu cor-de-rosa
Mexendo asas azuis dentro da tarde.

II

Si acaso a gente se beijasse uma vez só...
Ontem você estava tão linda
Que o meu corpo chegou.

Sei que era um riacho e duas horas de sêde,
Me debrucei, não bebi.
Mas estou até agora dêsse jeito,
Olhando quatro ou cinco borboletas amarelas,
Dessas comuns, brincabrincando no ar.
Sinto um rumor...

III

Agora é abril, ôh minha doce amiga,
Te reclinaste sobre mim, como a verdade,
Fui virar, fundeei o rosto no teu corpo.

Nos dominamos pondo tudo no lugar.
O céu voltou a ser por sobre a terra,
As laranjeiras ergueram-se todas de-pé
E nelas fizemos cantar um primeiro sabiá.

Mas a paisagem logo foi-se embora
Batendo a porta, escandalisadissima.

IV

Ôh tragico fulgor das incompatibilidades humanas!
Que tara divina pesa em nosso corpo vitorioso
Não permitindo que jamais a plenitude satisfeita
Descanse em nosso lar como alguém que chegou!...

Não tenho esperança mais nas vossas revelações!
Vós me destes o amor, me destes a amizade,
E na experiencia de minha doce amiga me destes
Mais do que imaginei... Mas a volta foi cruel.

Eu sofro. Êh, liberdade, essência perigosa...
Espelhos, Pireneus, caixaras e todos os desesperos,
Vinde a mim que outros agora abóiam pra eu marchar!

Tudo é suavissimo na flora dos milagres...
Um pensamento se dissolve em mel e á porta
Do meu coração ha sempre um mendigo moço esmolando...

Eu saí da aventura! Eu fugi da ventura!
Nós não estamos na cidade nem no mato.
Nós rolamos na ansia dos fabulosos aeroplanos,
E vos garanto que agora não acabaremos mais!

V

Contam que lá nos fundos do Grão-Chaco
Mora o morubixaba chiriguano Caiuarí,
Nas terras dele nenhum branco não entrou.
São planos férteis que passam a noite dormindo
Na beira dum lagoão, calmo de garças.
Enorme gado pasta ali, o milho plumeja nos cerros,
E os homens são todos bons lá onde o branco não entrou.

Nós iremos parar nesses desertos...
Viajando através de fadiga e miséria,
Os dias ferozes nós descansaremos abraçados,
Mas pelas noites suaves nossos passos nos levarão até lá.
E ao vivermos nas terras do morubixaba Caiuarí,
Tudo será em comum, trabucaremos como os outros e por
todos,
Não haverá hora marcada pra comer nem pra dormir,
Passaremos as noites em dança, e na véspera das grandes
bebedeiras
Nos pintaremos ricamente a riscos de urucum e picumã.
Pouco a pouco olvidaremos as palavras de roubo, de insulto
e mentira,
A terminologia das nações e da política,
E dos nossos pensamentos afinal desertarão as profecias.

Ôh, doce amiga, é certo que seríamos felizes
Na ausencia dêste calamitoso Brasil!...
Fecho os olhos... É pra não ver os gestos contagiosos...
Ando em verdades que deviam já não ser do tempo mais...
A nossa gente vai muito sofrer e tenho o coração inquieto.

VI

Nós iamos calados pela rua
E o calor dos rosais nos salientava tanto
Que um desejo de exemplo me inspirava,
E você me aceitou por entre os santos.

Erguer do chão um tóco de cigarro,
Fuma-lo sem saber por que boca passou,
A terra me erriçava a língua e uma saliva sêca
Poisando nos meus labios molhados renasceu.

Todos os boitatás queimavam minha boca
Mas quando recomencei a olhar, ôh minha doce amiga,
Os operarios passavam-se todos para o meu lado,
Todos com flores roubadas na abertura da camisa...
O Sol no poente, de novo auroral e nativo,
Fazia em caminho contrário um dia novo;
E as noites ficaram luminosamente diurnas,
E os dias massacrados se esconderam no covão duma noite
sem fim.

VII

É hora. Mas é tal em mim o vértice do dia
Nesta sombra... Porquê serás mais que os rapazes,
E bem mais, muito mais do que as amantes?...
Sombra!... Sombra de cajazeira perfumada,
Saudando a minha inquietação com a tua delícia!

Eu poderia dormir no teu regaço, ôh mana...
Abri-vos, rincões do sossêgo,
Não cuideis que é minha amante, é minha irmã!

Porém é muito cedo ainda, e no portão do Paraíso
O anjo das cidades vigia com a espada de fogo na mão.

VII (bis)

É uma pena, doce amiga,
Tudo o que pensas em mim.
Eu sei, porquê acho uma pena
Tambem o que penso em ti.

Mesmo quando conversamos,
É uma pena, outras conversas
De olhos e de pensamentos,
Andam na sala, dispersas.

VIII

Gosto de estar a teu lado,
Sem brilho.
Tua presença é uma carne de peixe,
De resistencia mansa e um branco
Ecoando azuis profundos.

Eu tenho liberdade em ti.
Anoiteço feito um bairro,
Sem brilho algum.

Estamos no interior duma asa
Que fechou.

IX

Vossos olhos são um mate costumeiro.
Vossas mãos são conselhos que é indifferente seguir.
Gosto da vossa boca donde saem as palavras isoladas
Que jamais não ouvi.
Porém o que eu adoro sobretudo é vosso corpo
Que desnorteia a vida e poupa as restrições.

Ôh, doce amiga! vossos castos espelhos de aurora
Despejam sobre mim paisagens e paisagens
Em que passeio feito um rei sem povo,
Cortejado por noruegas, caponetes e caminhos,
—Os caminhos incompetentes que jamais não me conduzirão
a alguém!...

X

Os rios, ôh doce amiga, êstes rios
Cheios de vistas, povoados de ingazeiras e morretes,
Pelo Capibaribe irás ter ao Recife,
Pelo Tietê a São Paulo, no Potengí a Natal.
Pelo Tejo a Lisboa e pelo Sena a Paris...

Os rios, ôh minha doce amiga, na beira dos rios
É a terra de povoação em que as cidades se agacham
E de-noite, que nem feras de pêlo brilhante, vão beber...

Pensa um bocado comigo na vasta briga da Terra,
E nas cidades que nem feras bebendo na praia dos rios!
Insiste ao pé de mim neste meu pensamento!
E os nossos corações, livres do orgulho,
Mais humilhados em cidadania,
Irão beber também junto das feras.

XI

A febre tem um vigor suave de tristeza,
E os simbolos da tarde comparecem entre nós;
Não é preciso nem perdoar nem esquecer os crimes
Pra que venha êste bem de sossegar na pouca luz.

É a nossa intimidade. Um fogo arde, esquentando
Um rumor de exterior bem brando, muito brando,
E dá clarões duma consciencia intermitente.

A poesia nasce.

Tu sentes que o meu flúido se aninha em teu colo e te beija
na face,

E, por camaradagem, me olhas ironicamente.

Mas estamos sem mesmo a insistencia dos nossos brinquedos.
E o vigor suave da febre
Não intimida os nossos corações tranquilos.

XII

Minha cabeça poisa nos seus joelhos,
Vem o entre-sono, e é milagroso!
A vida se conserva em mim doada pelos seus joelhos,
E sou duma inimaginavel liberdade!

Ôh espiritos do ar que os homens adivinham,
Dizei-me o que se evola do meu corpo!
Essa outra coisa vaporosa e brancacenta
Que não é fumo, nem echarpe,
Não tem forma porém não se desmancha
E baila no ar...

Todos os adeuses, todos os espelhos e girandolas
Voltijam no espaço que se enche e esvazia
Num tremor avido a esfolhar-se em pregas sem dureza...
Abre a rosa oculta em sinais,
Manhãs em vespervas de ser,
Pireneus sem desejo, enquanto á espreita,
Os objetos em torno me invejam
Buscando me prender na miseria da imagem...

Ôh espiritos do ar, dizei-me a rosa incomparavel
Que se evola reagindo em baile no ar!
Baile! Baile de mim no entre-sono!
Não é uma alma, não é um espirito do ar, não é nada!
É a outra coisa que baila, que baila, que baila,
Livre de mim! gratúita enfim! futil de eternidade!

Ôh, brinca, brinca, minha melodia!
Sabiá da mata que canta a mei-dia!
Olha o coco, Sinhá!

INDICE

Eu sou trezentos...	5
---------------------	---

DANÇAS	9
--------	---

TEMPO DA MARIA

I	Moda do Corajoso	27
II	Amar sem ser amado, ora pinhões!	31
III	Cantiga do Ai	39
IV	Lenda das Mulheres de Peito Chato	43
V	Eco e o Descorajado	49
VI	Louvação da Tarde	53
VII	Maria	61

POEMAS DA NEGRA

I	Não sei por que espirito antigo	69
II	Não sei si estou vivo...	71
III	Você é tão suave...	73
IV	Estou com medo...	75
V	Lá longe no sul...	77
VI	Quando...	79
VII	Não sei porquê os tetéus...	81
VIII	Nega em teu ser primario...	83
IX	Na zona da mata...	85

X	Ha o mutismo exaltado dos astros...	87
XI	Ai momentos de fisico amor...	89
XII	Lembrança boa...	91

MARCO DA VIRAÇÃO

1	Aspiração	95
2	Louvação Matinal	99
3	Improviso do Rapaz Morto	105
4	Momento	109
5	Ponteando sobre o Amigo Rúim	113
6	As Bôdas Montevidéanas	117
7	A Adivinha	123
8	Improviso do Mal da America	129
9	Manhã	135
10	Momento	139
11	Pela Noite de Barulhos Espaçados	143

POEMAS DA AMIGA

I	A tarde se deitava nos meus olhos...	149
II	Si acaso a gente se beijasse uma vez só...	151
III	Agora é abril...	153
IV	Ôh tragico fulgor das incompatibilidades humanas...	155
V	Contam que lá nos fundos do Grão- Chaco...	157
VI	Nós iamós calados pela rua...	159
VII	É hora. Mas é tal em mim o vertice do dia...	161
VII (bis)	É uma pena, doce amiga...	163

VIII	Gosto de estar a teu lado...	165
IX	Vossos olhos são um mate costumeiro...	167
X	Os rios, óh doce amiga, êstes rios... .	169
XI	A febre tem um vigor suave de tristeza...	171
XII	Minha cabeça poisa nos seus joelhos...	173

ESTA PRIMEIRA EDIÇÃO
DO REMATE DE MALES SE
TERMINOU AOS QUINZE
DE DEZEMBRO DE MIL E
NOVECENTOS E TRINTA
NAS OFICINAS GRAFICAS
DE EUGENIO CUPOLO A'
LADEIRA DE SANTA IFI-
GENIA NUMERO VINTE E
UM EM SÃO PAULO ::

